

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E POLÍTICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Entre as ruas e o parlamento: O caso das Muitas e os dilemas dos novos atores políticos do Brasil pós-2013 na construção de uma viabilidade eleitoral.

Rio de Janeiro
Setembro de 2019

LORRAINE ARAÚJO INÁCIO

Entre as ruas e o parlamento: O caso das Muitas e os dilemas dos novos atores políticos do Brasil pós-2013 na construção de uma viabilidade eleitoral.

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Fernandes Veiga.

RIO DE JANEIRO

2019

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

I35	<p>Inácio, Lorraine Araújo Entre as ruas e o parlamento: O caso das Muitas e os dilemas dos novos atores políticos do Brasil pós-2013 na construção de uma viabilidade eleitoral. / Lorraine Araújo Inácio. -- Rio de Janeiro, 2019. 79</p> <p>Orientadora: Luciana Fernandes Veiga. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2019.</p> <p>1. Representação política. 2. Manifestações de rua. 3. Partido-Movimento. 4. Partidos. 5. Movimentos Sociais. I. Veiga, Luciana Fernandes, orient. II. Título.</p>
-----	--

AGRADECIMENTOS

A jornada acadêmica é um caminho de muito aprendizado. Desde as infinitas horas de leitura, até as noites sem dormir pensando na pesquisa. Uma jornada que nos revela mais de nós mesmos do que jamais poderíamos imaginar.

Até que no fim da jornada podemos olhar para trás e agradecer por mais uma conquista.

Quero agradecer primeiramente a Deus e a minha Família. Minha mãe e irmãos pelo apoio, sustento e compreensão, sem vocês nada disso seria possível. Aos meus Tios Kell e Lete pelo incentivo em entrar no mestrado, os puxões de orelha e desabafos e também pelos inúmeros livros da biblioteca da Ufmg não é mesmo Tio Kell? Muito obrigada.

Quero agradecer muito a minha orientadora professora Luciana Veiga, pelas horas dedicadas em cada correção, pelas palavras de incentivo e principalmente por topar realizar essa pesquisa comigo.

Quero agradecer de coração o pessoal da Muitas que se disponibilizou para essa pesquisa e que me deram total acesso e liberdade para estar junto a vocês, muitíssimo obrigada!

Muito tenho a agradecer também a cada professor do PPGCP da Unirio, sem citar nomes para não cometer o erro de esquecer alguém, devo a vocês a oportunidade de chegar até aqui, além de todo empenho que dedicaram em aprofundar nossos conhecimentos e visão de mundo.

Agradeço imensamente a 1º Turma do Mestrado do PPGCP, pela acolhida, pelas dicas de como sobreviver no Rio de Janeiro, por cada café e desabafos, principalmente aos amigos organizadores da Jornada Discente, todos vocês foram essenciais nesta jornada.

Também gostaria de agradecer a minha amiga e eterna professora Lauren Lacerda, pelo incentivo, palavras de apoio, pela correção do projeto de entrada do mestrado. Eu sei bem que talvez eu nem estivesse aqui se não fosse pelo seu puxão de orelha, muito obrigada.

Agradeço também ao Grupo de Pesquisa Relações de Fronteira, na figura do professor Ronaldo Colvero por me direcionar no caminho da pesquisa e me ensinasse a dar os primeiros passos mesmo que errantes a principio, mas que agora sei que sem os primeiros passos não existiria uma jornada a celebrar.

E por fim, agradeço a Unirio e ao PPG pela oportunidade de concretizar mais uma conquista e finalizar a primeira parte da jornada. Esperançosos por novos capítulos.

*Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto*

*Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto*

*Trazendo comigo o dom de meus
antepassados,*

*Eu carrego o sonho e a esperança do homem
escravizado.
E assim, eu me levanto*

Eu me levanto

Eu me levanto. Maya Angelou

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar novas estruturas e novos dinamismos da representação política, que surgiram com mais força no país pós-2013, quando grandes manifestações de rua colocaram em xeque as principais instituições representativas do país com questionamentos sobre suas legitimidade e eficiência. Frente à dificuldade que a sociedade sente de comunicar suas demandas junto aos seus representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e também com os partidos, passa-se a desenvolver novas formas, canais e espaços para conexão. As Muitas seria fruto desse processo. Inicialmente, o movimento tomou a cena política nas grandes manifestações de rua, que ocorreram no país a partir de 2013, e, posteriormente, alcançou patamares da formalidade com candidatos próprios para disputas eleitorais. As Muitas, como outros movimentos desse período, optou por adentrar no âmbito das instituições da democracia representativa e para isso trouxe um novo tipo de ator político, um quase Partido-Movimento, entre o movimento e o partido-movimento. As nossas perguntas de pesquisa então são: O que as Muitas representa neste contexto de clamor por renovação política e oxigenação? Qual papel estas novas formas de organização estabelecem diante das instituições formais e da sociedade? Como se constituem essas novas formas de organização? A hipótese desse trabalho é que As Muitas encontra-se em um estágio de organização que muito se assemelha a um partido movimento, sem efetivamente sê-lo, uma vez que não se constitui como um partido. Todavia, acredita-se que ela tenha superado o estágio dos novos movimentos ao lançar candidaturas. A partir da discussão sobre representação política, novos movimentos sociais e partidos movimentos busca-se analisar o caso As Muitas, coletivo criado em Belo Horizonte, Minas Gerais. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo com a técnica de entrevista em profundidade junto a dez integrantes. Pretendem-se compreender as novas formas de expressão, as novas estruturas e os novos dinamismos da representação política.

Palavras Chave: Representação política; Manifestações de rua; Partido-Movimento; Partidos; Movimentos Sociais.

ABSTRACT

This paper studies the new dynamics and structures of political representation that went stronger in the post-2013 marches when thousand of brazilians went out to the streets to protest against the main representative institutions of the country questioning their legitimacy and efficiency. The main argument that we seek to develop in this paper is that in view of the difficulty that society has to communicate with its representatives before the Executive, Legislative and Judiciary, and also with the parties about their demands, it is developing new ways, channels and spaces to attend such demand. As Muitas would be the result of this process. Initially, the movement took the political scene in the major street protests, which took place in the country from 2013, and later reached formality levels with its own candidates for electoral disputes. As Muitas, like other movements of this period, chose to enter into the institutions of representative democracy, and for that it brought a new kind of political actor between the movement and the movement party, a quasi-Movement Party. From the discussion about political representation, new social movements and party movements, we seek to analyze the case of As Muitas, a collective created in Belo Horizonte, Minas Gerais. Our research questions then are: What does “As Muitas” represents for this hunger society claiming for a change on the political scene? What role do these new forms of organization play before formal institutions? What are they for the society? How are these new forms of organization constituted? The hypothesis of this work is that “As Muitas” is in a stage of organization that closely resembles a movement party without actually being so, since it does not constitute itself as a party. However, it is believed that it has overcome the stage of the new movements by launching candidates. The methodology applied was qualitative and in-depth interview with ten members. The aim is to understand the new forms of expression, the new structures and the new dynamics of political representation.

Keywords: Political representation; Marches; Party-Movement; Parties; Social movements

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEM- Partido Democratas
EC- Emenda a Constituição
FMI- Fundo Monetário Internacional
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
MBL- Movimento Brasil Livre
MFL- Movimento Fora Lacerda
MPL- Movimento Passe Livre
PEC- Proposta de Emenda a Constituição
PP- Partido Popular da Espanha
PSOE- Partido dos Trabalhadores Socialistas Espanhóis
PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL- Partido Socialismo e Liberdade
PT- Partido dos Trabalhadores
PV- Partido Verde
UE- União Europeia
VPR- Movimento Vem pra Rua

LISTA DE QUADROS TABELAS E GRÁFICOS

Gráfico I: Série Histórica – Preferência Partidária

Gráfico II: Série Histórica - Adesão à democracia

Quadro I: Resultado eleitoral dos Movimentos de Renovação Política – Brasil, 2018

Quadro II: Perfil dos entrevistados.

Quadro III: Comparativo – As Muitas/ 15-M; PODEMOS.

Tabela I “Confiança no Congresso”

Tabela II “Confiança nos Partidos Políticos”

Tabela III “Confiança no Judiciário”

Tabela IV Série Histórica PIB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	10
1.CONTEXTO POLÍTICO: DESGASTES DAS INSTITUIÇÕES DE REPRESENTAÇÃO E DAS ESQUERDAS E OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS	16
1.1 CRISE DE REPRESENTAÇÃO.	16
1.2 CRISES DAS ESQUERDAS	21
1.3 O SURGIMENTO DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS	25
1.4 A PASSEATA DE 2013 E AS MANIFESTAÇÕES PRÓ- IMPEACHMENT DE 2015: OS EMBRIÕES DOS MOVIMENTOS NO BRASIL	26
1.5 RECAPITULANDO	30
2.NOVOS ATORES E NOVAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO: MOVIMENTOS MUNICIPALISTAS, MANDATOS COLETIVOS E INOVAÇÕES.	32
2.1 AS MUITAS	37
2.2 RECAPITULANDO	42
3.DESENHO DE PESQUISA	43
3.1 COLETA DOS DADOS	43
4.ANÁLISE DOS DADOS	46
4.1 A ORIGEM E A ORGANIZAÇÃO DAS MUITAS	47
4.3 DESAFIOS INSTITUCIONAIS, ESPACIAIS E ORGANIZACIONAIS	57
4.4 A AGENDA	66
4.5 AS MUITAS E O PODEMOS.	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS	77
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO:

Vivemos neste século da era contemporânea em que a sociedade, as relações sociais e políticas, têm se transformado, se reestruturado dentro de espaços dinâmicos e tecnológicos. A sociedade se tornou mais complexa, desenvolvendo, por conseguinte novos atores sociais e políticos, novos conflitos e novas teorias no campo científico.

Dentro desta nova estruturação de sociedade, percebemos a transformação gradual e profunda das relações políticas e suas ramificações incluindo novos espaços em que a política se faz presente.

A dimensão e a proporção das inovações tecnológicas trouxeram dinamismos para as ações sociais coletivas do século XXI. O advento das redes sociais, via internet tem modificado a maneira com que estes atores sociais se reúnem, propagam suas ideias e se articulam. Tal fato tem causado novos panoramas para a compreensão de fatos sócio-políticos da sociedade contemporânea.

No findar de 2010, vários países do mundo veem surgir através da indignação social um massivo levante popular de manifestações de rua, espontâneo, que desafiou autoridades mundo afora. Começando pela Tunísia e Egito que se espalhou rapidamente para países vizinhos como Líbia e Lêmen e, posteriormente, reverberando na Europa e Estados Unidos. Esse levante inicial ficou conhecido como Primavera Árabe.

Segundo Castells (2012), esse tipo de fenômeno é extremamente comum na história e ele acontece quando as pessoas se sentem terrivelmente incapazes de mudar sua realidade. O resultado seria uma convulsão social capaz de mudar até mesmo as regras sociais que determinam a relação entre Estado e sociedade.

As manifestações, que tomaram as ruas de vários países do mundo, estavam ligadas em sua maioria a insatisfações de ordem econômica, social e política. Havia descontentamento com governos e classes políticas, que, em um momento de crise econômica, priorizaram políticas de austeridade. (TOSTES E SILVA, 2015).

Neste contexto de crise econômica e degradação da qualidade de vida da população mundial, a legitimidade e o poder de resolutividade das autoridades políticas foram colocados em xeque através de inúmeras manifestações populares de rua que culminaram em novas formas de ativismo político com a entrada de ações via Internet e o nascimento também de como chamaria Maria da Glória Gohn (2015) de “novíssimos” movimentos sociais.

O “novíssimo” movimento social é transnacional. Na Espanha, políticas de austeridade e o histórico de políticas públicas impopulares motivaram um acampamento e protestos na Porta do Sol, em Madri. Foi nesse espaço que mais tarde se organizou o movimento social 15-M e o novo partido Podemos, que desafiou a antiga polarização entre o Partido Socialista Operário Espanhol (Psoe) e o Partido Popular (PP). (Bringel, 2015)

Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street parou o centro econômico de Nova York. As manifestações terminaram por fortalecer a pré-candidatura de Bernie Sanders a representante do Partido Democrata para a disputa à Presidência da República em 2016. (TOSTES E SILVA 2015).

Em junho de 2013, grandes manifestações tomaram as ruas do Brasil. As manifestações ocorreram no momento em que o Brasil recebia a Copa das Confederações da FIFA (Federação Internacional de Futebol), que servia de teste para a realização da Copa do Mundo de 2014. Registrava-se grande desengajamento, ceticismo, e descrédito com a economia, com a política e os governantes.

O movimento que ficou conhecido como “as passeatas de junho de 2013” visava à redução do preço das passagens do transporte público em São Paulo, mas com a resistência da polícia a ele e o uso da força considerado excessivo por vários segmentos da sociedade, acabaram por atrair a adesão de grande público. Com isso, tal como coloca Singer (2013), as demandas tornaram-se muito abrangentes e indefinidas, apontando para um movimento composto por uma pluralidade socioeconômica entre seus membros em todo o Brasil. Se, no início, contava com uma demanda particular do Movimento Passe Livre (MPL) e possuía alinhamento ideológico à esquerda, no decorrer da movimentação outras tendências foram incorporadas, havendo adesão da direita com setores da classe média, que implantava um “sentimento anticorrupção” e esse foi mais fortemente dirigido ao governo federal. (Borba, Veiga e Martins, 2015)

Sem se atentar para a possível ligação entre estes movimentos transnacionais diversos jornais e analistas se surpreenderam com a movimentação que foi observada a princípio com distanciamento, mas que logo tomou o centro das atenções de todos.

As manifestações aconteceram entre junho e agosto de 2013, alcançando cerca de 483 municípios e estima-se que cerca de dois milhões de brasileiros tenham participado de algum dos protestos realizados naquele período.

As grandes capitais do sudeste e também Brasília foram às cidades em que as manifestações foram mais fortes e intensas, porém o movimento ganhou até

mesmo cidades do interior do país. No auge dos protestos obtiveram a marca de um milhão de pessoas mobilizadas em todo país em um único dia que foi o dia 20 de junho. (GOHN, 2015)

Posteriormente a estes grandes eventos se questionou o porquê não foi possível prever tais eventos e mais do que isso por que não foi possível compreendê-los. Para GOHN (2017) os novos atores das manifestações e as novas práticas de organização estavam fora do radar dos analistas.

Todavia, pesquisas de opinião pública já traziam indícios de insatisfação com os resultados dos governos e do regime democrático. Estudos de 2011 do projeto Latino Barômetro sobre a confiança na democracia e satisfação com o sistema democrático mostram que cerca de 40% dos entrevistados não encontravam virtude em se ter no Brasil um sistema democrático. 58% dos entrevistados se diziam apáticos em relação ao sistema democrático, alegando insatisfação.

Com as passeatas o sentimento de insatisfação aumentou na população. Para se ter uma idéia, a popularidade presidencial inicia forte viés de baixa após o início das manifestações. A avaliação positiva de Dilma cai de 55% para 31% e a negativa cresce de 13% para 31%, entre maio e junho de 2018 de acordo com pesquisas Ibope (Borba, Veiga e Martins, 2015).

Já em 2015, pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) registrou números recordes de não identificação partidária no Brasil, segundo dados do instituto, dois a cada três brasileiros não tinham preferência por qualquer partido político. Registrava-se a menor medição desde que o instituto começou a aferir tais dados em 1988, além de altas taxas de pessimismo quanto ao futuro do país.

Autores como Baquero (2011), Amorim (2007) entre outros, apontavam a queda na participação política e em movimentos sociais, e a não existência de uma cidadania ativa em decorrência do ceticismo, das sucessivas notícias e escândalos políticos sobre corrupção advindos da Operação Lava-Jato¹ o que resultou em um afastamento das esferas políticas e até mesmo repulsa por parte da sociedade civil em relação à esfera política.

Paralelamente a tais sintomas de crise democrática, vemos surgir no país novas formas de organização política, abordando atores diversos. Para além das

¹ A operação Lava-Jato é uma operação de investigação conduzida pela Polícia Federal do Brasil, mas em colaboração com a procuradoria-geral da União e Ministérios Públicos de todos os estados. A operação é focada em crimes de colarinho branco, como lavagem de dinheiro e corrupção, envolvendo políticos e empresários.

manifestações populares e diferente dos partidos tradicionais surge o Partido-Movimento.

Partido Movimento seria uma organização formal partidária oriunda de movimentos sociais de intervenções de rua como protestos e marchas. Ele reivindica uma mudança mais contundente na estrutura de poder e no procedimento das tomadas de decisões em prol da sociedade. Para isso, o partido movimento se formaliza como partido político, para adentrar na esfera formal de representação política, entretanto, busca manter o modelo organizativo de movimento social enquanto estrutura interna (Guimarães, 2018).

O objeto dessa dissertação é o movimento As Muitas, uma nova organização política, que nasce na esteira dessa onda transnacional e que no Brasil se incorpora nas passeatas de junho de 2013.

O movimento nasce em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 2015, dentro de um contexto de confluência de lutas da cidade. Ativistas e integrantes de diversos movimentos sociais e coletivos decidem aliar forças e pensar pautas que emergem da cidade. Em determinado momento, decidem por efetivar estas demandas através de mandatos e, assim, por apresentar candidatos próprios às eleições.

As Muitas realizou eventos abertos e em lugares públicos para debater questões e lutas proeminentes a fim de construir pautas que interessassem à sociedade. Os encontros foram denominados de “Explosão Programáticas”.

Em seguida, veio a decisão de concorrer a mandatos e, por pressuposto, de disputar eleições. Se fazia necessário então, encontrar um partido que tivesse afinidade com as suas pautas para que através dele pudessem apresentar suas candidaturas.

O Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Verde (PV) foram contatados, porém foi no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) que As Muitas encontrou guarida para suas propostas e candidaturas. Foram apresentadas 12 candidaturas do movimento para a Câmara dos Vereadores nas eleições municipais de 2016, que juntas obtiveram 35.615 votos. Duas vereadoras foram eleitas, Aurea Carolina atingiu 17.420 votos e tornou-se a vereadora mais bem votada na história de Belo Horizonte.

Entende-se as Muitas como fruto de um clamor por renovação política e oxigenação do tradicional sistema representativo, num contexto marcado pela sensação de distanciamento do representante de seus representados. Um

movimento com propósitos e práticas de mobilização e organizativas muito semelhantes à de outros da onda transnacional como o espanhol 15-M. Assim como eles, anseia mandatos.

Mas diferente do 15-M que constitui o seu próprio partido para as eleições – o Podemos, as Muitas opta por cooptar-se a uma legenda. Ao agir assim, teoricamente deixaria de se constituir como um partido-movimento. Mas, mesmo dentro do PSOL, gozando de muita autonomia na apresentação de plataformas e estruturas de campanhas e de mandatos, busca manter o modelo organizativo do movimento social, tal como um partido-movimento.

A hipótese desse trabalho é que As Muitas seria um quase-partido movimento, se apresentando em um estágio entre o movimento e o partido movimento. O nosso objetivo é entender como funciona as Muitas para identificar - a partir da revisão da literatura – que aspectos ele traz desse novo ativismo social e que aspectos ele apresenta do partido-movimento e, por pressuposto, o que lhe falta. Serão observados: a) sua história; b) seus objetivos e propósitos; c) sua organização em campanha e em mandato.

O trabalho empírico consta de entrevistas em profundidade realizadas com dez membros da As Muitas. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, gravadas e transcritas e serão sistematizadas a partir de roteiro de análise. O roteiro de sistematização dos dados estará escorado na revisão da literatura sobre estrutura dos partidos-movimentos.

Reconhecemos que esta dissertação esbarra na discussão pós-estruturalista proposta por diversos autores como Foucault, Mouffe, Chantal, Laclau, entretanto, mesmo cientes que esta corrente de pensamento atravessa nosso trabalho optamos por não abordá-la aqui.

Assim, para desenvolver esta pesquisa realizou-se primeiramente uma revisão teórica que indique as premissas pelas quais um partido movimento se configura como tal, além de leituras complementares sobre os principais modelos de partido-movimento no mundo.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com 10 (dez) integrantes das Muitas. Foram selecionados integrantes que tenham participado das Muitas desde o seu começo ou que exerçam papel de influência dentro da organização, inclusive nos mandatos, e ex- candidatos em 2016.

Esta dissertação trará no primeiro capítulo uma discussão sobre a questão da crise de representação política no Brasil e no Mundo e posteriormente uma discussão sobre a crise das esquerdas seguida de uma breve contextualização do impacto destes eventos no Brasil e no Mundo recentemente observados.

No capítulo número dois, dissertaremos sobre as novas formas e configurações dos ativismos político mundialmente e no Brasil em seus mais variados formatos e configurações bem como a introdução ao histórico das Muitas e o contexto o qual esta organização está inserida.

Já no capítulo terceiro, iremos abordar a metodologia qualitativa utilizada neste trabalho, com técnica de entrevista em profundidade. Trataremos dos procedimentos adotados na coleta, sistematização e análise dos dados.

E, por fim, no quarto capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa e a discussão dos achados.

Nossos achados de pesquisa indicam que As Muitas obedece quase que completamente os requisitos indicados pela literatura para ser identificado como um partido-movimento e inclusive sendo observado diversas características em comum com o Podemos/15-M.

Entretanto nos esbarramos com a questão principal que é a de que As Muitas não se configurou como partido político formalmente e por isso, apesar de que possua todas as características de partido movimento e supere as de movimento social organizado, se encontre até mesmo nos dilemas em um formato de quase-partido movimento.

1. Contexto Político: Desgastes das instituições de representação e das esquerdas e os novos movimentos sociais.

Esse capítulo visa apresentar aspectos do contexto político que serviram de pano de fundo e possibilitaram o surgimento de As Muitas. Inicia com a discussão sobre o desgaste e a descrença do eleitor com o sistema de representação política.

A partir de abordagem elaborada por Mainwaring (2006), de dados de pesquisa de opinião do Projeto Latino Barômetro e do Instituto Ibope busca-se mostrar que a experiência da atualidade do país tem componentes de crise de representação.

A seguir, busca-se mapear a crise da esquerda. O discurso anti-*establishment* aparece como consequência de experiências desgastadas com partidos tradicionais de direita e esquerda. Destaca-se o desencantamento dos eleitores com os partidos de esquerda, que ocuparam o poder em vários países nas duas últimas décadas.

O desgaste com a esquerda pode ser considerado um dos motivos para a proliferação de novas experiências de representação. O passo seguinte ainda nesse capítulo é mostrar o surgimento de novos movimentos sociais no mundo e o seu reflexo no Brasil com as Passeatas de Junho e seus desdobramentos.

Essa discussão se torna pertinente para posicionarmos espacialmente e temporalmente o fenômeno que é o advento das Muitas, que conseguiu aglutinar forças da esquerda na cidade de Belo Horizonte e obter grande sucesso eleitoral.

1.1 Crise de representação.

Muito tem se falado sobre crise de representação política nas sociedades contemporâneas. Para alguns autores, a solução se encontra no ajuste e no aprimoramento das próprias instituições representativas. Manin, Przeworski e Stokes (2006) não acreditam que as eleições por si só sejam suficientes para determinar que os políticos atuem em prol do bem-estar dos cidadãos.

Para estes, é necessário aperfeiçoar os mecanismos de controle e de prestação de contas, para melhorar a qualidade da informação repassada ao eleitor de maneira a contribuir com suas escolhas na hora do voto. São enfáticos em destacar que para além das eleições é necessário aprimorar o desenho das instituições representativas a fim de garantir mais clareza de responsabilidade,

permitindo o eleitor ter mais segurança ao julgar, punir ou recompensar, os mandatários por seus desempenhos.

Para Lavallo;Houtzager e Castello (2006), a sociedade tem ficado cada vez mais plural e os partidos políticos não têm conseguido mais dar conta de organizar as preferências dos eleitores bem como de ordenar suas identidades. A solução que apresentam é que se pluralizem os atores e se diversifiquem os lugares de representação.

Os autores colocam que novas instâncias de mediação entre representantes e representados precisam emergir, trazendo contribuições para a definição de agendas políticas e de prioridades, e para a supervisão de ações. Novos atores societários precisam experimentar novos mecanismos institucionais como forma de transpassar as falhas e deficiências apresentadas pela representação política nas democracias modernas. O ponto é simples, é preciso fazer uso do mandato (Lavallo; Houtzager; Castello, 2006).

Uma das principais questões que levaram ao questionamento do sistema democrático como sendo algo praticável seria a insuficiência e ou a ineficiência da representação política em cumprir a sua função que é a de levar as demandas dos cidadãos ao Estado através de representantes eleitos via partido político. Este principal argumento se fortalece no crescente enfraquecimento da relação entre partidos políticos e sociedade civil.

Scot Mainwaring (2006) traça um panorama sobre a crise de representação política nos países da região dos Andes. Para ele, a crise de representação está associada a uma crise de legitimidade dos sistemas políticos atuais, em que práticas de corrupção somadas à ineficiência implicam em forte descrença da sociedade.

O autor coloca ainda que a crise de representação seria a quebra da estabilidade e da legitimidade na relação entre eleitores e eleitos. (MAINWARING, 2006)

Mainwaring coloca que existem duas dimensões neste contexto de crise, 1) Atitudinal: que seria ligada à percepção do eleitor, nesse caso, um grande número de pessoas estaria insatisfeito ou não se sentindo representado; 2) Indicadores de Comportamento: que seriam ações, capazes de demonstrar que as pessoas rejeitam as formas padrão de representação já existentes passando a votar em políticos outsiders e ou *anti-establishment*, mobilizando-se em esforços antissistema

etc. Estes dois componentes são, segundo o autor, indicadores pelos quais se pode perceber uma crise de representação.

Outra questão apontada é que uma crise da democracia representativa também pode se manifestar através de alguns comportamentos eleitorais mensuráveis como, por exemplo: volatilidade eleitoral. Numa realidade de alta volatilidade eleitoral, entre um pleito eleitoral e outro, a quantidade de votos recebidos por determinado partido varia muito, indo de uma legenda a outras com facilidade.

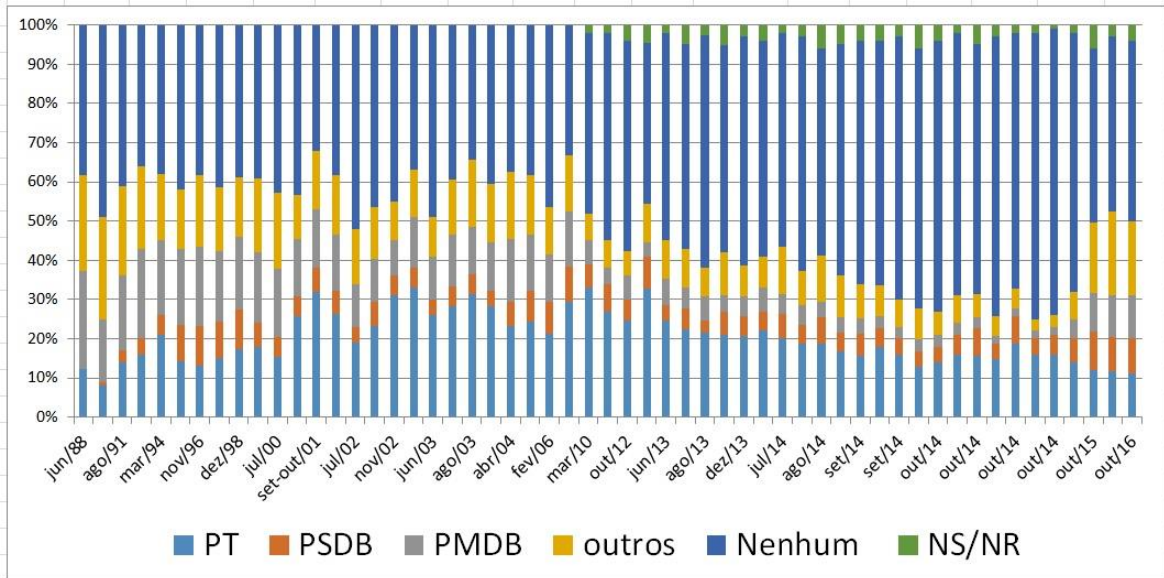
Este quesito especificamente, se persistindo por duas vezes ou mais em eleições, se torna um grande indicativo de que existe uma crise representativa em um país, pois sugere que há grande insatisfação dos eleitores com os agentes eleitos e que estes buscam a todo momento alternativas representativas que os agradem. (MAINWARING, 2006)

Os efeitos práticos destes elementos é uma fragilização das instituições que compõem a democracia representativa e um desencantamento com este modelo político.

Série histórica de pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) sugere volatilidade de identidades partidárias. Em agosto de 2013, pela primeira vez desde o início da medição da identidade partidária pelo instituto, em 1988, o número dos não identificados com qualquer partido superou o patamar de 60%.

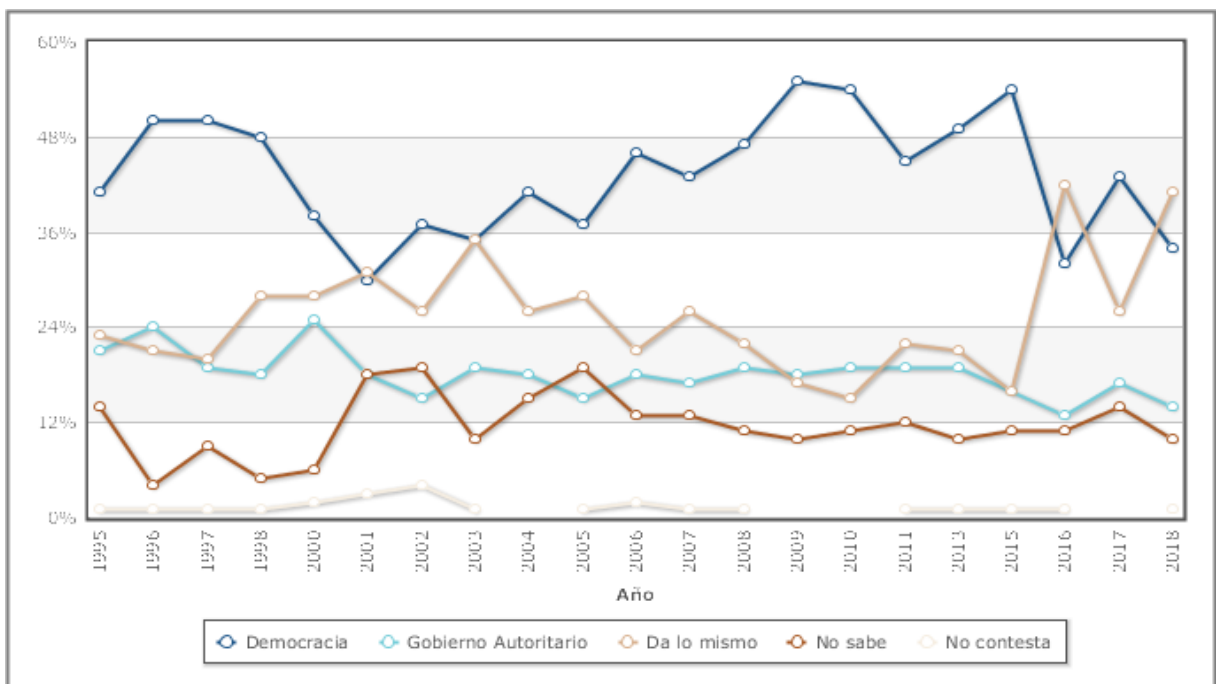
Em 2014, a taxa atinge o nível de 70%. Depois há uma reconfiguração das identidades partidárias marcada pela redução dos não identificados e dos petistas; e crescimento de identificações com o PSDB, PMDB e outros partidos, sinalizando para maior fragmentação e volatilidade das adesões.

Gráfico I: Série Histórica – Preferência Partidária



Outras séries históricas merecem destaque quando se trata de falar em queda da adesão à democracia e desgastes das instituições representativas no eleitorado. O gráfico II a seguir traz a série histórica da adesão à democracia de acordo com o Latino Barômetro. Verifica-se que após período de queda da adesão entre 1997 e 2001, há tendência de aumento da adesão à forma de governo até 2015, depois nova queda se verifica. Nesse momento, aumenta vertiginosamente a postura indiferente entre a democracia e o governo autoritário.

Gráfico II: Série Histórica - Adesão à democracia



Fonte: Latino Barômetro

Outras análises de série temporal mostram que embora a tendência de aumento da falta de confiança nas instâncias de poder seja constante desde 2009, ela foi fortemente agravada a partir de 2015. Em 2015, 36% dos entrevistados pelo Latino Barômetro diziam ter nenhuma confiança no Congresso Nacional. Em 2016, a taxa sobe para 45% e, em 2017, alcança o patamar de 60%.

Tabela I “Confiança no Congresso”

Ano	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
2009	6%	25%	40%	25%
2010	8%	36%	32%	20%
2011	4,4%	26,1%	36,1%	30,7%
2013	5%	23%	34%	35%
2015	3%	15%	41%	36%
2016	2%	11%	38%	45%
2017	2%	9%	26%	60%

Fonte: Latino Barômetro

Seguindo a mesma tendência, ao atentar para a série histórica sobre a confiança nos partidos, verifica-se que o percentual de respostas que indicava nenhuma confiança nas legendas era de 51% em 2015 e cresce até 72% em 2017. Todos os dados sinalizam um colapso da democracia a partir de 2015 enquanto valor na perspectiva do eleitor

Tabela II “Confiança nos Partidos Políticos”

Ano	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
2009	3%	17%	36%	42%
2010	5%	19%	33%	40%
2011	2%	13%	34%	49%
2013	4%	17%	29%	47%
2015	1%	9%	36%	51%
2016	1%	5%	28%	65%
2017	0%	6%	20%	72%

Fonte: Latino Barômetro

Também registra-se crescente desconfiança em relação ao poder Judiciário, que sai do patamar de 25%, em 2015, para 37%, em 2017.

Tabela III “Confiança no Judiciário”

Ano	Muita	Alguma	Pouca	Nenhuma
2009	11%	30%	38%	17%

2010	12%	39%	27%	18%
2011	6%	33%	38%	21%
2013	11%	30%	29%	25%
2015	6%	26%	38%	25%
2016	11%	28%	36%	22%
2017	4%	22%	33%	37%

Fonte: Latino Barômetro

Todos estes dados, demonstram como a confiança nas instituições básicas da democracia, que já eram baixas no Brasil, sofreram uma queda ainda mais expressiva a partir de 2015, traduzindo o sentimento da população de descrédito e pessimismo em relação à vida política, ao Estado e a vida em sociedade.

Estes dados apontam a situação do Brasil no crivo “atitudinal” estabelecido por Mainwaring. As decrescentes taxas de adesão à democracia e de confiança nas instituições demonstrariam que o Brasil traz componentes de uma crise de representação política – no sentido, definido por Mainwaring. Escândalos de corrupção e ineficiência em fornecer um estado de bem-estar social para a população corroboram para o desencantamento com o sistema democrático, podendo provocar instabilidade no sistema político.

1.2 Crises das esquerdas

Parte dos apontamentos sobre crise de representação focam em demonstrar a fragilidade dos laços entre cidadãos e partidos políticos, pois estes desempenham um papel que é exclusivamente deles em representar interesses.

A formação da maioria dos partidos políticos do século XX foi desenhada historicamente em clivagens políticas baseadas em classe social, isto é, partidos fundamentalmente dentro do eixo esquerda-direita e que possuíam forte conexão material e simbólica com interesses das classes trabalhadoras e burguesas, respectivamente. (BIORCIO&MANNHEIMER, 1998)

Entretanto, várias situações e acontecimentos mudaram os paradigmas que geraram os primeiros partidos políticos levantando questionamentos sobre a tradicional clivagem política a qual estes partidos se encaixavam, e inclusive, questionando a real necessidade de sua existência o que minaria de forma gradual as tradicionais fundações do sistema representativo.

Um dos principais acontecimentos que reverberaram foi à queda do muro de Berlim em 1989. Este fato desencadeou o colapso dos regimes considerados de

socialismo real e teve grande impacto no mundo e na América Latina de uma maneira geral, pois simbolizou o fim da Guerra Fria e da União Soviética e com ela uma profunda reconfiguração do sistema político das diversas novas democracias no mundo. (GUIMARÃES, 2018)

Com a mudança de paradigma, vieram também as mudanças cultural e social. O mundo perpassou um forte processo de redefinição nas relações sociais e econômicas com a modernização, o que refletiu nas ligações entre partido-sociedade/partidos-cidadãos. Relações como industriais e agricultores, igreja e estado, periferia e centro, trabalhadores e patrões, já não são tão centrais ou podem em determinado momento se sobrepor ou deixar de existir da maneira em que usualmente se conhecia e categorizava. (BIORCIO&MANNHEIMER, 1998)

Este fato trouxe aos partidos políticos certa crise de identidade, sobremaneira, para os partidos de esquerda que precisavam se reposicionar dentro dos valores da sociedade contemporânea numa profunda quebra de paradigma.

Na América Latina, viveu-se nos últimos quarenta anos o que Huntington caracterizou como a “terceira onda” democratizante logo após uma era de governos autoritários na região em diversos países. A volta destes países à normalidade democrática possibilitou que partidos pertencentes ao campo da esquerda entrassem para a formalidade outrora negada ao mesmo tempo em que o modelo soviético não se encontrava mais em ativa, provocando uma reconfiguração interna destes partidos e do campo da esquerda de uma maneira geral. (GUIMARÃES, 2018)

Segundo Guimarães (2018), com o fim da União soviética, os partidos de esquerda leninistas-marxistas, que possuíam uma identidade mais estatal e gerencial, sofreram profundas crises. A organização de partidos na América Latina no campo da esquerda política não apresentava características dos tradicionais partidos leninistas europeus.

Ainda segundo o autor: “o cenário político latino americano (e, mesmo, para além da América Latina) foi preenchido por uma série de movimentos e partidos políticos de esquerda que, em maior ou menor medida, tentava se renovar frente à estagnação percebida nos partidos comunistas e socialistas mais conhecidos” (GUIMARÃES, P. 15, 2018).

Essa nova esquerda latino-americana estaria calcada em experiências de movimentos de base, descentralizadores e horizontais em busca de romper com o

paradigma do pensamento marxista dentro de uma conjuntura de crise do nacional-desenvolvimentismo e ascensão neoliberal no continente.

Considero que a referida “independência” dos partidos analisados – que pode ser compreendida como uma busca por originalidade que passa por uma “nacionalização” e uma “regionalização” destas organizações – foi importante para o enfrentamento da crise que se manifestou nas esquerdas mundiais. Ao garantir espaço simbólico para a adaptação, sua independência também as favoreceu num contexto de profundas mutações sociais, que caracterizaram o período em que essas forças foram fundadas ou renovadas, e no qual ampliaram suas bases sociais e eleitorais em direção à conquista de governos nacionais. (SILVA, P.99, 2011)

Já no findar dos anos 90, na virada do século, a esquerda apresenta várias adaptações e perspicácia para tornar-se uma alternativa viável após os primeiros sinais de crise neoliberal que abateram a região e também a um esgotamento dos partidos mais tradicionais. (SILVA, 2011).

Em um contexto de aceleração da economia mundial, com alto valor no preço de commodities e cenários internos e externos favoráveis, governos de esquerda ou progressistas conseguiram lograr êxito na América Latina através de composição de aliança e de acordos econômicos e sociais.

O presidente Hugo Chávez foi eleito na Venezuela em 1998. O Partido dos Trabalhadores com os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff governou o Brasil de 2002 a 2015. O partido Movimento para o Socialismo (MAS) com Evo Morales foi eleito na Bolívia em 2005, Tabaré Vasquez foi eleito no Uruguai também em 2005 pela Frente Ampla, Rafael Correa no Equador e Fernando Lugo no Paraguai ambos em 2008. Com tais governos, as esquerdas latino-americanas vivenciam o auge de seu ciclo vitorioso desde a redemocratização. (GUIMARÃES, 2018)

A ascensão decorre de lutas sociais, organizações e movimentos que surgiram com o fim do período ditatorial e que produziram enraizamento destes partidos nas camadas populares da sociedade.

Um dos marcos desta ascensão das esquerdas que podemos destacar foi à criação do Fórum Social Mundial, que visava reunir organizações não governamentais, ativistas e entidades sociais para debater e propor soluções para os problemas da sociedade contemporânea em contraponto ao Fórum Econômico Mundial, com ênfase nas agendas econômica e financeira.

Citar o Fórum Social Mundial se faz importante pelo fato da sua magnitude e valor para a esquerda. A sua descontinuidade a partir de 2012 foi tomada como uma

evidência do enfraquecimento da esquerda na América Latina. Os resultados eleitorais posteriores para os executivos e ou para os legislativos sinalizaram para o enfraquecimento da ideologia. (GUIMARÃES, 2018)

Após sucessivos anos de vitórias eleitorais, as esquerdas na América Latina começaram a perder fôlego após 2012. Registra-se o impeachment da presidente Dilma Rousseff, no Brasil, em 2016; a eleição de Macri, na Argentina, em 2015; as crises humanitárias na Venezuela, que ganham forças a partir desse período. A perda das esquerdas no continente esteve associada a instabilidades social e política, recaindo novamente a tônica da crise democrática e de representação política.

Descrédito do sistema político, e das instituições de representação, nos moldes descritos por Mainwaring, resultou em um forte sentimento *anti-establishment*. Tem-se então a busca dos eleitores por outsiders da política para ocupar cargos públicos, como negação das formas tradicionais de representação política.

A narrativa *anti-establishment*, que ganha espaço, depois das experiências desgastantes com governos de partidos tradicionais e da “nova esquerda”, fez urgir a necessidade de se restabelecer a conexão da sociedade com as instâncias representativas. (Santos apud Penteado, 2017).

O fato de uma grande crise econômica mundial ter abatido primeiramente os países europeus e, posteriormente, a América Latina também é apontado como fator que contribuiu para que o modelo das “novas esquerdas” latino-americanas de governar fosse colocado em xeque, e junto com este fator grandes manifestações populares foram registradas no mundo inteiro causando grande repercussão e impacto nos governos e sistemas políticos.

No Brasil, vimos crescer nos últimos anos uma intensa bipolaridade entre petistas e anti-petistas (Ribeiro, Carreirão e Borba, 2016).

Usando dados do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) os autores colocam que a afirmação de gostar de algum partido político atingiu seu menor nível em 2014, quando apenas 26,2% dos brasileiros afirmam gostar de algum partido político. Em 2014, a taxa de preferência partidária com o PT havia caído para 18%, depois de atingir patamar de 27,7% em 2010 e a taxa de anti-petismo atingi 40% em 2014. (Ribeiro, Carreirão e Borba, 2016)

Os autores colocam que os principais partidos acabam por capitanear os sentimentos de repulsa pelo sistema partidário que é demonstrando pela sociedade de uma maneira geral e o que corrobora para o desgaste dos partidos perante a sociedade civil.

1.3 O surgimento dos novos movimentos sociais

A crise econômica de 2008 nos Estados Unidos fomentou solo fértil para grandes convulsões sociais em diversas partes do mundo. Ela foi marcada por especulação no mercado imobiliário; investimento governamental em grupos bancários para evitar falências; flexibilizações trabalhistas; desemprego, perdas financeiras, degradação da qualidade de vida da população; e sucessivos cortes em verbas sociais. As primeiras grandes manifestações populares contra as políticas de austeridade nasceram na Grécia e na Espanha. (TOSTES E SILVA 2015).

Na Grécia, inúmeros protestos aconteceram contra as políticas de austeridade adotadas pelo governo federal a fim de conter a dívida do país e obter ajuda financeira do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Comissão Europeia, em 2011 e ao longo de 2012. (GOHN, 2015)

As políticas de corte de gastos públicos, privatizações e aumento de impostos agravam a vulnerabilidade da população que já estava a sofrer com o corte de empregos e a degradação da qualidade de vida. Tais medidas de austeridade em momento de fragilidade contribuem para o aumento da indignação e da desconfiança das pessoas no Estado. (GOHN, 2015; TOSTES E SILVA 2015).

Na Espanha, um grande movimento de rua ficou conhecido como 15- M, em referência à data de início das manifestações, 15 de maio de 2011. O Democracia Real Ya convocaram milhares de pessoas para irem às ruas contra as medidas do governo de congelamento de salários, aumento de tarifas e impostos, e redução de direitos trabalhistas. Os protestos questionavam o *establishment*, as instituições representativas e sua capacidade de canalizar as demandas da sociedade.

Frutos destes questionamentos nascem os partidos Syriza na Grécia e Podemos na Espanha. Movimentos que nascem do debate sobre a importância e os desafios de se levar o grito das ruas ao governo e por isso decidem criar seus próprios partidos e através deles serem os porta-vozes da indignação. Esse fenômeno conhecido como Partido-Movimento surge com o objetivo de reconectar pessoas e instituições.

Neste contexto, movimentos sociais começaram a entrar na arena eleitoral para competir, lançando candidatos a cargos políticos, porém sem deixar de ser um movimento social, não se encaixando na forma de partido tradicional, negando-se sempre a aceitar tal classificação por considerá-la excludente, fruto de uma elite oligárquica. (GUIMARÃES, 2018)

Na América Latina, os protestos eram atrelados à crise das esquerdas, além da crise econômica que atingiu a economia do continente.

1.4 A Passeata de 2013 e as Manifestações Pró- Impeachment de 2015: os embriões dos movimentos no Brasil

Em meados de 2013, grandes manifestações tomaram as ruas do Brasil, dentro de um contexto de ceticismo, descrédito e desengajamento políticos.

Vale ressaltar três aspectos relacionados com as passeatas de junho de 2013, um de ordem mais cultural e dois de caráter mais contextuais que confluíram para o cenário atual.

No que tange à cultura cívica, Baquero e Linhares (2011) e Amorim (2007) apontavam queda na participação política e em movimentos sociais, e inexistência de uma cidadania ativa.

Segundo Amorim (2007) o ceticismo e o afastamento dos cidadãos da esfera política comprometem diretamente os valores positivos e a atitude frente à democracia no país. Cria-se um círculo vicioso de desconfiança que gera o afastamento que gera mais desconfiança e o sentimento de não representação.

Já para Baquero e Linhares (2011), o principal fato é a não confiança nos partidos políticos. Os autores colocam que por mais que o Brasil tenha restaurado sua democracia e feito avanços significativos, estas mudanças só atingem a dimensão institucional.

A relação entre Estado e sociedade via partidos políticos, por exemplo, não conseguiu se desenvolver para além da formalidade.

A não materialização de uma relação mais estável e eficiente entre Estado e sociedade tem agravado as percepções céticas e negativas dos cidadãos em relação à capacidade destes mediadores – os partidos- de serem eficientes.

O que culmina em descredito da democracia e menores taxas de participação dos cidadãos por não acreditaram na eficácia de seus mediadores em representá-los.

O segundo o aspecto é que o contexto da economia no país era de início de desaceleração de crescimento e aumento da inflação. Dados da série histórica do IBGE em relação ao PIB apontam que desde 2014 a economia já mostrava sinais de desaceleração alcançando o patamar de negativos 3.6 de crescimento em 2016.

Tabela IV Série Histórica PIB

2011	4.0
2012	1.9
2013	3.0
2014	0.5
2015	-3.8
2016	-3.6

Fonte: IBGE

Somam-se a isso, as sucessivas notícias e escândalos políticos sobre corrupção que atingiram a esfera política e mais marcadamente após o início da Operação Lava-Jato.

A operação Lava-Jato é a maior investigação já realizada no Brasil conduzida primeiramente pela Polícia Federal do Brasil, mas em colaboração com a procuradoria-geral da União e os Ministérios Públicos de todos os estados focados exclusivamente em crimes de colarinho branco, isto é, lavagem de dinheiro, corrupção e etc. realizados por políticos e empresários.

A operação que começou a funcionar em 2014 efetuou diversas prisões de políticos e empresários e instaurou mais de mil inquéritos sobre corrupção no país. Atualmente a Lava Jato contabiliza 49 fases de ações operacionais que apuraram corrupção entre o poder público/ agente do poder público e empresas que vão desde o ramo petrolífero e alimentício a empreiteiras do ramo da construção civil. (Folha, 2017)

A operação causou e causa ainda hoje grande repercussão midiática e atingiu diversos atores políticos proeminentes levando-os a cadeia, como por exemplo, os ex-governadores do Rio de Janeiro: Sergio Cabral e Luiz Fernando Pezão por corrupção.

Fato é que, a corrupção foi elencada em pesquisa de opinião pública realizada pelo IBOPE em 2017 como sendo o 2º maior problema do país para 56% das pessoas entrevistadas e a 6º no ranking de prioridades. (IBOPE, 2018)

Estes dados demonstram como a corrupção ganhou maior visibilidade no país a partir da Operação Lava Jato se tornando inclusive uma prioridade maior do que as diversas outras graves mazelas do país.

O resultado foi o afastamento e a repulsa da sociedade civil em relação à esfera política aumentando ainda mais o descontentamento.

Corroborando a este cenário as passeatas de junho de 2013 questionavam primeiramente o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo. A pauta da mobilidade urbana já movia lutas sociais em diversas capitais do país. Mediante a repressão policial ao movimento, chegando a episódio de morte em Belo Horizonte, o alcance dos protestos foi alargado.

As passeatas aconteceram por ocasião da véspera da Copa das Confederações da FIFA. O dinheiro investido para receber a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e a maneira como os recursos vinham sendo geridos – com indícios de superfaturamento, desperdícios, ineficiência e corrupção – fizeram aumentar a indignação da população.

Dentro deste contexto, as sucessivas ações do governo para tentar por fim aos protestos não foram suficientes.

Logo após o auge das manifestações no dia 20 de junho, a presidente Dilma Rousseff veio a público para propor uma saída para a crise. A ideia era propor uma Constituinte exclusiva para a reforma política que, posteriormente, seria submetida a plebiscito popular. Mas a proposta não surgiu mais efeito pela pluralidade de pautas que a movimentação abarcou e pelas diferentes inclinações políticas que adentraram nos protestos. (SINGER, 2013)

Os atores, as linguagens e o repertório empregados nas jornadas de junho, eram muito diferentes daqueles anteriormente conhecidos pelo governo através das usuais articulações com movimentos sociais.

A grande novidade no modus operandi das Jornadas de Junho foi à inclusão das redes sociais da internet como meio de organizar, informar e divulgar as ações e movimentações dos protestos.

Esta mudança na comunicação gerou um grande impacto na mobilização da sociedade civil, gerando espaços de mobilização social e socialização fora das instituições estatais. (GOHN, 2017).

As manifestações se tornaram socialmente heterogêneas. Em um primeiro momento, constitui-se por jovens e jovens adultos (até 29 anos), de classe média e

média baixa (com ganho familiar de cinco salários mínimos para cima), e, posteriormente, em um segundo momento uma diversificação maior de classes ali representadas.

Para Mendonça (2018) as manifestações de 2013 foram movimentos multifacetados e ambivalentes, como um guarda chuva capaz de abrigo ações políticas oriundas de articulações e lutas locais.

Ele ainda coloca que há uma sobreposição entre organização e espontaneidade nas manifestações. Lutas por questões locais com algum nível de pré-organização foram potencializadas mediante a espontaneidade gerada via redes sociais e pelo sentimento de um fazer histórico.

Em 2013, as manifestações teriam agregado as mais variadas ideologias e ganhado maior ou menor ênfase em determinados aspectos, dependendo de cada localidade no país.

Com os desdobramentos das Jornadas de Junho abriu-se oportunidades para outros atores políticos de diferentes posicionamentos no espectro político perpetrarem ações coletivas. (MENDONÇA, 2018)

Posteriormente às manifestações de 2013 grandes manifestações em 2015 foram organizadas, dessa vez, pedindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff, contra a corrupção e por mais ética na política.

Estas manifestações já lideradas pela direita com os movimentos Vem Pra Rua (VPR) e Movimento Brasil Livre (MBL) conseguiram manter a desestabilização da imagem que a governante do PT passou a enfrentar pós-2013, acirrando o discurso para a cassação de seu mandato.

As manifestações de rua pareciam ter entrado de vez no gosto da população que encontrou nestas manifestações espaços para extravasar sua indignação.

Puxadas por estes novíssimos atores, uma intensa mobilização nas redes sociais foi decisiva para as manifestações de 2015, que aí já representavam diretamente o descontentamento com os partidos tradicionais, mas, mais direcionado ao PT e aí já com o viés de retirar através de impeachment a presidente eleita. (GOHN, 2017)

Manifestações mais recentes, como as relacionadas ao assassinato da Vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) em Março de 2018 no Rio de Janeiro tiveram grande protagonismo de novas organizações assim como se sucedeu nos anteriores protestos de rua.

Estas organizações parecem ter ganhado força e por se tratar de grupos sem uma filiação partidária específica, sem amarras, mas com objetivos claros, tornando-se um atrativo para as pessoas que há muito se afastaram do mundo da política, pelo desencantamento e a desilusão.

Estas organizações ou coletivos cruzam faixas etárias, são diversos, fluidos e surgem como resposta ao questionamento da oligarquização dos movimentos sociais.

Estes seriam os “novíssimos” movimentos sociais que entraram em cena a partir das manifestações de 2013-2016 e que são extremamente heterógenos.

Os coletivos, por exemplo, é o formato que muitos jovens se organizam e consideram preferencial para participar por serem autônomos e horizontais, aliás estes são os valores principais destes grupos. A fluidez e a informalidade também são marcas fortes destes movimentos que podem atuar de forma tópica e fragmentada assim como mais articulada e coesa. (GOHN, 2017)

A grande novidade em todo este contexto de surgimento de novos atores em cena da política é que, ao findar o ciclo destas manifestações, alguns integrantes destas organizações decidiram adentrar na política representativa, ao se lançarem candidatos nas eleições subsequentes. O Movimento Brasil Livre (MBL) elegeu oito candidatos, sete vereadores e um prefeito no interior de Minas Gerais. Dente eles um de seus principais líderes, Fernando Holiday, foi eleito pelo Partido Democratas (DEM).

Este fenômeno alcançou ambos os lados do espectro político e veio a cabo das manifestações de rua que ensejavam por oxigenação e mudança na maneira de se fazer política no país, além do questionamento massivo do *establishment*.

1.5 Recapitulando

Considerando os argumentos de Mainwaring e os dados do Ibope e do Latino Barômetro tomados nesse capítulo, confirmamos que houve componentes de crise de representação no Brasil nos anos recentes.

Os dados sobre desconfiança com a democracia e as suas instituições corroboram para a premissa da crise representativa, mas vamos além propondo que a crise representativa possa na verdade estar ancorada, sobretudo, no desgaste com os partidos políticos tradicionais e mais recentemente com os de esquerda, pois estes são os que recentemente tenderam a governar países desencadeando uma

crise de confiança geral. Eventos políticos nos últimos anos demonstraram como a onda rosa Latino Americana foi enfraquecida.

A alta no sentimento de insatisfação, as crescentes e incessantes denúncias de corrupção expostas massivamente pela mídia, à negação das formas tradicionais de representação, culminaram em um forte desgaste das instituições políticas do país e que, por fim, desaguaram em uma convulsão social de grandes proporções.

Em contrapartida vemos crescer no Brasil inúmeras pequenas iniciativas que visam de alguma forma transcender diante do quadro de desconfiança rumo à oxigenação da política.

Atividades das mais variadas correntes ideológicas voltaram a ocorrer após as manifestações de 2013 e desde então grupos e coletivos se tornaram protagonistas de eventos políticos no país. (GOHN, 2017)

A questão da representação política e seus limites e crises é debatido vastamente na ciência política, bem como as possíveis saídas para estes entraves.

Como colocam Lavallo e Araujo (2006), os apontamentos sobre representação política requerem aperfeiçoamento e criação de mecanismos e inovações que deem conta da vastidão de interesses a serem representados, pois a representação é recurso crucial da atividade política.

Os autores apostam na versatilidade e na inovação na construção de alternativas para a representação, sem que o declínio das formas tradicionais se traduza em extinção da representação em si. (Lavallo; Araujo 2006).

E nesse sentido que Young acrescenta ao discutir representação política ligada as questões identitárias e das minorias que a sociedade organizada através de associações deve ser incluída no sistema de representação. O seu papel seria reconectar representantes e representados via processo deliberativo contínuo no tempo entre eleições e mandatos. (Young, 2006)

Ainda segundo a autora, as organizações e mobilizações que advém da sociedade civil conseguem ser muito mais eficazes em manter uma conexão entre eleitores e representantes e que por fim mais efetivas em cobrar a prestação de contas dos seus representantes.

No próximo capítulo, o objetivo é apresentar os novos movimentos que nascem imersos nesse propósito de conexão entre representantes e representados via deliberação contínua no tempo e no espaço.

2. Novos atores e novas formas de representação: Movimentos municipalistas, mandatos coletivos e inovações.

Ensejamos discorrer sobre novas experiências políticas e tomaremos As Muitas, como estudo de caso.

Inspiração para os movimentos brasileiros por renovação política, experiências na Espanha e em outros países atraíram um eleitorado desacreditado na política e que buscava por mudanças.

O caso mais conhecido é o Podemos da Espanha. Após a crise econômica que abateu a Espanha em 2008, o sistema bipartidarista existente foi colocado em xeque. Manifestações políticas tomaram as ruas do país em 2011, questionando a inoperância do sistema em prover soluções para o período de crise. (BRINGEL, 2015; TOSTES E SILVA, 2015; PENTEADO E SOUZA, 2017).

Na esteira dos protestos, surge o movimento 15-M que mais tarde culminou na legenda Podemos. O novo partido político buscou conservar em seu DNA o formato organizacional de movimento social para disputar na arena eleitoral no vácuo deixado pelo bipartidarismo de outrora.

Com pautas sedimentadas e geridas em reuniões abertas nos mais diversos bairros das cidades, chamados de círculos, o Podemos construiu sua identidade de partido-movimento municipalista, isto é, focado em pautas e políticas pela cidade, local, que posteriormente influenciou e inspirou muitos outros (MARTÍN, 2015).

Os novos movimentos são em sua maioria de cunho municipalista isto é, movimentos que estão calcados nos problemas locais de suas comunidades municipais e que visam mudar essa realidade em primeiro momento.

Experiências como essa foram recentemente copiladas em um mapa por um destes movimentos o *Barcelona em Común*. (El Salto Diário, 2019).

São citadas no mapa pelo menos nove cidades integrantes do movimento municipalista global: Montreal (Canadá), Lisboa (Portugal), Nápoles (Itália), Grenoble (França), Split (Croácia), Valparaíso (Chile), Rosário (Argentina), Richmond (Estados Unidos) e Froome (Reino Unido).

No âmbito local, o Brasil tem acompanhado diversas experiências de movimentos de renovação já com mandatos colaborativos, como é o caso da Bancada Ativista em São Paulo.

A Bancada Ativista nasce em 2016 com um grupo de cidadão e ativistas da capital de São Paulo que decidem apoiar e lançar candidatos ao legislativo

municipal. A bancada apoiou nove candidaturas de ativistas em diversos partidos conseguindo eleger uma vereadora, Sâmia Bonfim, pelo PSOL nas eleições de 2016.

Já em 2018, a Bancada Ativista decidiu lançar uma candidatura coletiva para a Assembleia Legislativa Estadual de São Paulo (ALESP) em que várias pessoas juntas comporiam um mandato, em um modelo de co-candidatura em que todos contribuiriam dentro da sua área de expertise e também de uma maneira geral, e dessa vez o partido escolhido foi o Partido Socialismo e Liberdade (Psol) conseguindo mais uma vez vencer a disputa e galgar o cargo desejado.

A tentativa que se faz com a Bancada Ativista é de oxigenar a política, reinventar processos e tomadas de decisão, além de repactuar a relação sociedade e Estado através de práticas mais coletivas, abertas e com diálogo direto e contínuo com a sociedade, reaproximando com isso, as pessoas da política, precisamente como o que foi sugerido por Young (2006).

Segundo o site da própria Banca eles se consideram:

Somos um movimento suprapartidário dedicado a eleger ativistas para o poder legislativo em São Paulo, composto por pessoas com atuação em múltiplas causas sociais, econômicas, políticas e ambientais. Visamos oxigenar a política institucional e promover os princípios e práticas que defendemos, de maneiras colaborativas e pedagógicas que fujam dos vícios da política tradicional. (BANCADA ATIVISTA, 2018)

Outro movimento parecido se formou em Pernambuco. As Juntas como elas se denominam surgem também com uma proposta de candidatura coletiva, nesse caso composta por cinco ativistas que visam aumentar o número de participação das mulheres na política, que em sua primeira disputa, também pelo Psol, conseguiu mandato para deputada estadual com cerca de 39 mil votos. (Portal G1, 2018)

As Juntas, todavia, já nasce com a proposta clara de se candidatar pelo Psol, diferentemente da Bancada Ativista e da Muitas que são um movimento que nasce de fora para dentro da política.

Mais uma experiência de mandatos deste tipo acontece em Alto Paraíso de Goiás, com a conquista de uma vaga na Câmara dos Vereadores em 2016 pelo PTN (Partido Trabalhista Nacional atual Podemos). O grupo é composto por cinco pessoas que dividem entre si atribuições temáticas, sendo cada um da chapa responsável por um setor, como por exemplo: meio ambiente e turismo. (Portal G1, 2017)

Reivindicando uma nova maneira de fazer política, este grupo também busca valorizar a diversificação e a descentralização do poder além de se identificar com valores do Ecofederalismo ligados a uma anterior militância junto ao partido Rede Sustentabilidade.

No âmbito nacional, o impacto dos novos movimentos de renovação política em eleições não tem sido desprezível, muito pelo contrário, Nas disputas de 2018, eles lançaram 176 candidatos ao Congresso Nacional e elegeram 29 deputados e quatro senadores além de um suplente. (Macedo, 2018)

Os 34 eleitos integram nove grupos: o Agora!, o Renova Brasil, o Livres, o Nós, o Ocupa Política, as Muitas, o Vote Nelas, a Rede de Ação Política Pela Sustentabilidade (Raps) e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Os movimentos que mais elegeram candidatos foram a Raps, com 19 nomes; o RenovaBR, com 11, e o Ocupa Política, com 4. Os eleitos estavam distribuídos por 14 partidos políticos diferentes. (Macedo, 2018)

Quadro I: Resultado eleitoral dos Movimentos de Renovação Política – Brasil, 2018.

Já teve mandato?	Partido	UF	Cargo	Movimento	Mandato anterior?
Alessandro Vieira	Rede	SE	Senador	Renova, Acredito	Não
Diza Gonzaga	PSB	RS	Deputado Federal	Renova	Não
Felipe Rigoni	PSB	ES	Deputado Federal	Acredito, Renova	Não
Henrique Arruda	PROS	AL	Suplente De Senador	Livres	Não
Joenia Wapichana	Rede	RR	Deputada Federal	Agora!, Renova	Não
João Campos	PSB	PE	Deputado Federal	Raps, Lemann	Não
Kim Kataguiri	DEM	SP	Deputado Federal	MBL	Não

Lucas Gonzalez	Novo	MG	Deputado Federal	Renova	Não
Luiz Lima	PSL	RJ	Deputado Federal	Renova	Não
Paulo Ganime	Novo	RJ	Deputado Federal	Renova	Não
Paulo Martins	PSC	PR	Deputado Federal	MBL	Não
Professor Luiz Flávio Gomes	PSB	SP	Deputado Federal	Raps	Não
Tabata Amaral	PDT	SP	Deputada Federal	Acredito, Renova, Raps	Não
Tiago Mitraud	Novo	MG	Deputado Federal	Raps, Renova	Não
Túlio Gadêlha	PDT	PE	Deputado Federal	Nós	Não
Vinicius Poit	Novo	SP	Deputado Federal	Raps, Lemann, Renova	Não
Alessandro Molon	PSB	RJ	Deputado Federal	Raps	Sim
Arnaldo Jardim	PPS	SP	Deputado Federal	Raps	Sim
Aurea Carolina	Psol	MG	Deputado Federal	Muitas, Ocupa Política	Sim
Eduardo Costa	PTB	PA	Deputado Federal	Raps	Sim
Fernanda Melchionna	Psol	RS	Deputada Federal	Vote Nelas, Ocupa Política	Sim
Francisco Jr.	PSD	GO	Deputado Federal	Raps	Sim
Franco Cartafina	PHS	MG	Deputado Federal	Raps, Lemann	Sim

Leandre	PV	PR	Deputado Federal	Raps	Sim
Mara Gabrilli	PSDB	SP	Senador	Raps	Sim
Marcelo Calero	PPS	RJ	Deputado Federal	Livres, Agora!, Raps, Lemann, Renova	Sim
Pedro Cunha Lima	PSDB	PB	Deputado Federal	Raps	Sim
Randolfe	Rede	AP	Senador	Raps	Sim
Rodrigo Agostinho	PSB	SP	Deputado Federal	Raps	Sim
Rodrigo Coelho	PSB	SC	Deputado Federal	Raps	Sim
Rodrigo Cunha	PSDB	AL	Senador	Raps	Sim
Sâmia Bomfim	Psol	SP	Deputada Federal	Ocupa Política	Sim
Tadeu Alencar	PSB	PE	Deputado Federal	Raps	Sim
Talíria Petrone	Psol	RJ	Deputada Federal	Ocupa Política	Sim

Fonte: Congresso em Foco – Uol

É importante ressaltar que embora todos estes movimentos possuam o objetivo de alguma forma impactar a arena eleitoral e promover algum tipo de renovação, e por este motivo os apresentamos aqui, eles definitivamente não se equivalem entre si e possuem matizes ideológicas diversas.

Estes movimentos prometem inovações para o fazer político mas não são uniformes e homogêneos e certamente não possuem as mesmas lógicas de funcionamento.

Optamos por trazer essa discussão com o objetivo de lançar luz sobre o momento político do país que tem gerado cada vez mais a procura por outsiders para a arena política como predito por Mainwaring (2006).

2.1 As Muitas

Belo Horizonte é a capital do estado de Minas Gerais, com população estimada em aproximadamente dois milhões e meio de habitantes, é a sexta cidade mais populosa do país. A cidade sempre foi vista como um importante polo cultural e econômico do país bem como político, de onde nasceram grandes nomes na política assim como também grandes movimentos artísticos, sociais e políticos.

Antes mesmo de as grandes manifestações de junho de 2013 tomarem as ruas do país, Belo Horizonte (BH) já vivenciava embates entre poder público e ativistas. Destacaremos aqui os movimentos que aparecem como sendo vanguardistas no cenário político da cidade e que, posteriormente, foram os principais articuladores das Jornadas de Junho localmente e de onde partiram diversas outras manifestações, movimentos e coletivos da cidade.

Destacam-se os movimentos de hip-hop/Duelo de Mc's e coletivos culturais da cidade, as Brigadas Populares na luta por moradia, os movimentos de ciclistas, o movimento Fora Lacerda, a Praia da Estação, o núcleo local do Comitê Popular dos Atingidos pela Copa (COPAC), os movimentos pelo carnaval de rua da cidade, que em confluência e muitas vezes ocupando os mesmos espaços no contexto das movimentações de Junho de 2013 se encontraram, se reconheceram e se resignificaram construindo um subterrâneo político de muita potência.

Em primeiro lugar destacamos o Movimento Praia da Estação. No campo da oposição à gestão municipal, segmento da sociedade organizada reage às proibições pelo então prefeito de que eventos pudessem ser realizados em praça pública como a Praça da Estação, cartão postal da cidade. O decreto nº 13.798 de dezembro de 2009 proibiu eventos de qualquer natureza na praça, além da imposição de excessivas burocracias para as demais atividades que desencorajavam que os eventos fossem realizados. De tal luta, surge o movimento “Praia da Estação”.

A “Praia da Estação” reuniu artistas de rua, ativistas e coletivos na Praça da Estação, onde há um chafariz de piso, para provocar e contestar a postura do Prefeito. Os protestantes se banhavam no chafariz, como numa “praia” em uma atitude irreverente perante a postura do prefeito. (OLIVEIRA, Igor; DAYRELL, Juarez. 2012).

Este movimento foi organizado e mobilizado através de redes que se articulavam na internet em um blog e por uma lista de discussão por e-mail. A ideia

era, de maneira lúdica e com o espírito do carnaval, demonstrar a insatisfação com a gestão do então Prefeito de Belo Horizonte Marcio Lacerda.

O movimento, mesmo que pequeno em números foi próspero, gerando uma audiência pública, que deu grande visibilidade midiática ao evento, além de uma serie de medidas por parte da prefeitura para amenizar a situação inclusive uma convocação para que os ativistas se reunissem com o prefeito da cidade para discutir a questão. (ALBUQUERQUE, 2013)

A Praia da Estação materializou o descontentamento com a gestão Marcio Lacerda e foi o ponto de encontro e partida para outras movimentações.

Para a ala dos ativistas da cultura, foi espaço para se discutir e protestar por: a) a realização do Festival Internacional de Teatro (FIT), que não estava mais ocorrendo; b) o carnaval de rua da cidade com a formação de novos blocos ali mesmo nos protestos da praia, inclusive usados como espaço de ensaios de muitos destes blocos.

O movimento extrapolou seu objetivo inicial para se tornar um espaço em que as questões da cidade eram debatidas e abraçadas por esse grupo de ativistas e também ponto de encontro.

Decorrente também da Praia da Estação, o Movimento Fora Lacerda merece destaque. Este movimento nasceu em 2011 para fazer frente ao projeto político do então prefeito da cidade Marcio Lacerda e foi catalisado e canalizado pela Praia da Estação. (ALBUQUERQUE, 2013)

A partir de 2008, surge uma aliança política entre Aécio Neves então governador pelo PSDB com o prefeito à época Fernando Pimentel do PT para o lançamento da candidatura de Marcio Lacerda (PSB) à prefeitura de Belo Horizonte. Tal aliança foi vista como polêmica e despertou desconfiança, e ainda envolvia propostas que não agradavam aos setores populares. Lacerda foi eleito em segundo turno com quase 60% dos votos válidos, creditado em parte pela dobradinha de seus ilustres apoiadores políticos. (INEZ, 2016)

O desconforto começou cedo no mandato quando uma série de medidas passaram a incomodar. Primeiramente, medidas que segundo a prefeitura visavam trazer qualidade de vida à cidade com uma suposta diminuição da poluição visual e sonora afetou os vendedores ambulantes da cidade, feirantes, donos de bares e restaurantes. Tais políticas foram rapidamente apontadas como “higienistas” e elitistas.

Logo em seguida, surge a nomeação do filho do prefeito a um cargo em comissão especial na cidade referente à Copa do Mundo, o que repercute de maneira muito negativa. Na sequência, tem-se o decreto que proibiu eventos na Praça da Estação entre outros espaços públicos, como já citado.

Esses fatores causaram insatisfações, que culminaram na Praia da Estação e no Movimento Fora Lacerda (MFL). As acusações de nepotismo e a desapropriação de ocupações urbanas foram tomadas como medidas autoritárias. (INEZ, 2016)

O MFL passou a abrigar a Praia da Estação e demais movimentos de ocupações urbanas ameaçados pelas políticas do governo Lacerda como Dandara e Irmã Dorothy etc. (ambas ocupações com reivindicações antigas na cidade), Sindicatos da Educação e de Guardas Municipais e Feirantes da Feira de Artes e Artesanato da Avenida Afonso Pena(Feira Hippie).

A novidade na cena política de Belo Horizonte é a de que diversos ativistas se reuniram dentro do MFL para o embate com um inimigo em comum que agora era a gestão de Lacerda.

o Føra Lacerda significou mais do que a conformação de um movimento social na cidade. Sua proposta, desde o início era congregar, articular, fazer convergir para um mesmo lugar as diferentes vozes, demandas e reivindicações advindas de variados contextos que ecoavam pelas ruas de Belo Horizonte. Essa articulação conseguiu reunir variadas pautas e fazer coexistir, num mesmo espaço de discussão, interesses bem diferentes. Os grupos que antes exprimiam interesses muito específicos e que diziam de uma realidade restrita a um determinado grupo – o risco de despejo iminente das ocupações urbanas ou a militarização dos Guardas Municipais, por exemplo –, com a configuração do MFL conseguiram vislumbrar objetivos em comum e definir coletivamente seus modos de ação em busca de visibilidade, influência e legitimidade. (INEZ, P. 24 2016)

Belo Horizonte vive a partir destes movimentos um momento de muita pulsão política. O Movimento Fora Lacerda não impede que o prefeito seja reeleito em 2012, mas suas redes de articulação e ação dão forças para a retomada dos eventos da Praia da Estação, que começavam a enfraquecer.

Ou seja, em 2013, a realidade da cidade de Belo Horizonte é a de uma profunda efervescência da vida política através destes movimentos de contestação social e da articulação de diversos ativistas por causas.

Quando as Jornadas de Junho de 2013 acontecem, Belo Horizonte já contava com as redes previamente articuladas e organizadas com pautas claras em relação ao direito à cidade e aos demais temas levantados pelas manifestações em São Paulo.

Estas redes foram capazes de sustentar minimamente a espontaneidade das manifestações da cidade com um mínimo organizativo, fazendo com que as manifestações na cidade ganhassem contornos mais à esquerda do espectro político. (MENDONÇA, 2017)

As manifestações de Junho em BH tiveram como principal palco o entorno do estádio Mineirão, o qual seria palco dos jogos tanto da Copa do Mundo de Futebol quanto de outros eventos relacionados às Olimpíadas.

É salutar destacar que a Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte foi ocupada por ativistas nas Jornadas de Junho, o que contribuiu de maneira significativa para a confluência de lutas e movimentos, pois atores se reconhecem naquele espaço e passam a dialogar cada vez mais. Assim as redes se fortificam e se traduzem em um ambiente político propício para o nascimento posterior das Muitas na cidade.

O movimento nomeado primeiramente como “As muitas pela cidade que queremos”, que posteriormente convencionou-se chamar apenas “Muitas”, nasce em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 2015, dentro de um contexto de confluência de lutas da cidade em que ativistas e integrantes dos mais diversos movimentos sociais e coletivos decidem se reunir para em um primeiro momento aliar forças e pensar coletivamente as pautas que emergiam da cidade e posteriormente compreenderam a necessidade de efetivar estas demandas através de mandatos, isto é, lançar candidatos próprios. (O TEMPO, 2016)

As Muitas compreende que as pautas devem ser construídas coletivamente, com a colaboração direta das pessoas que vivenciam os diversos problemas e situações nas cidades para que assim as políticas públicas sejam desenhadas de maneira mais efetiva e levando em consideração as dimensões reais dos problemas. Para tanto eles acreditam que os espaços públicos das cidades são essenciais nesta construção e, por este motivo, desde seu nascimento, tem como característica realizar reuniões abertas e em espaços públicos como praças e parques com o intuito de democraticamente construir e debater pautas que sejam do interesse das pessoas. (MUITAS, 2015)

As “Muitas” surge também em um contexto municipal de embate e desgaste para com o poder público e para com os partidos tradicionalmente eleitos na cidade.

Os fatos políticos levantados como precursores do nascimento das Muitas se dão a partir de 2008 e que foram citados aqui fomentaram espaço para que a constituição das Muitas fosse possível.

Em 2013, com a profusão de movimentos no Brasil - em prol da redução do preço do transporte coletivo e da mobilidade urbana de maneira mais geral, o movimento local logo se alinhou ao emergente ativismo nacional. A mobilidade urbana era debatida em Belo Horizonte pelo fato de o sistema de metrô na cidade não ter se desenvolvido nas duas últimas décadas, em detrimento de investimentos em transportes sobre rodas movidos a diesel.

As pautas foram se universalizando durante as movimentações de rua, mas é importante destacar que a efusão de descontentamentos anteriores teve peso para que as manifestações em Belo Horizonte ganhassem força, além de um episódio trágico que culminou na morte de uma pessoa, após confronto entre a polícia e manifestantes.

Além das lutas pela ocupação da cidade, pelo transporte público e pela mobilidade urbana, se destacam as lutas pelo direito à cidade, direitos humanos, juventude negra e periférica, cultura e educação. Tendo em mente todos esses ativismos, surge a ideia de pensar sobre como juntar as diversas lutas em prol de pensar novas estratégias para conseguir êxito nas demandas.

Acontecem então os encontros em praças e parque da cidade até que se chegou à conclusão de que para que a mudança ocorra era necessário que eles se disponibilizassem para ocupar os espaços institucionais, isto é, se lançassem como candidatos para que assim promovessem a mudança que almejavam.

Para tal, este movimento realizou diversos encontros e debates com nome de “Explosões Programáticas” que seriam eventos abertos e em lugares públicos para debater as mais diversas questões e compreender as lutas pelas quais a cidade considerava proeminente. (MUITAS, 2015)

Em seguida, vem a decisão de encontrar um partido que tivesse afinidade com as pautas as quais defendiam para que através dele pudessem formar suas candidaturas. Foram contatados o Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Verde (PV), entre outros, porém foi no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em que se encontrou guarida para suas propostas e candidaturas o que culminou na apresentação de 12 candidaturas nas eleições municipais de 2016 que por sua vez elegeu duas vereadoras, com um total de votos somados de todos os 12 candidatos

de 35.615 votos, sendo 17.420 votos para Aurea Carolina, consagrando-a como a vereadora mais votada da história da cidade de Belo Horizonte. (MUITAS, 2015)

Tal feito consagrou o movimento para assim, em 2018, retomar a campanha eleitoral para expandir seu projeto e, desta vez, alcançar mandatos estaduais e federais. Foram lançadas 12 candidaturas - cinco para deputado federal e sete para deputados(as) estaduais - como resultado Aurea Carolina foi eleita novamente agora à deputada Federal e Andreia de Jesus logrou uma cadeira para Deputada Estadual. O desempenho eleitoral consagrou As Muitas como uma força política relevante no estado de Minas Gerais.

2.2 Recapitulando

O contexto de ativismo e de luta que marca a origem das Muitas inicia-se em 2008 e ganha mais fervor com o movimento nacional das Passeatas de Junho; traz um conjunto de pautas muito locais assim como em diversas partes do mundo, mobilização por causas do município; congrega diferentes segmentos e causas de protesto. Essas características são muito importantes para definir As Muitas.

Todavia, nada é mais importante para ser destacado do que o posicionamento das Muitas sobre a participação e a deliberação na construção da representação democrática e eficiente, ela se propõe a fazer o que Young (2006) considera essencial: a representação como uma conexão contínua no espaço e tempo, sem a demarcação de ruptura entre campanha e mandato; marcada pela deliberação, a argumentação entre representantes e representados, com base nas perspectivas de seus membros e cidadãos.

Tais atitudes ficam evidentes quando propõem: construção coletiva de pauta, colaboração das pessoas que vivenciam problemas e conhecem as suas diversas dimensões, reuniões em praças públicas.

3. Desenho de pesquisa

Neste capítulo apresentaremos o desenho de pesquisa desta dissertação pontuando os caminhos metodológicos trilhados, as decisões metodológicas pelas quais nos deparamos bem como as dificuldades e adaptações necessárias para a realização deste estudo de caso.

Apresentaremos também as categorias de análise que foram utilizadas para desenvolver a pesquisa além de uma breve explanação de seu conteúdo.

3.1 Coleta dos Dados

As entrevistas foram realizadas ao longo de outubro, novembro e dezembro de 2018, em momentos eleitoral e pós-eleitoral extremamente acirrados, e de intensa mobilização política.

Embora considerando que o momento político teve peso em algumas falas e percepções apresentadas pelos entrevistados, acreditamos que observar esse momento também foi crucial para compreendermos melhor como se dá o fenômeno das Muitas.

A primeira aproximação com o movimento se deu por um olhar curioso como cidadã na primeira campanha eleitoral realizada pelo movimento que tinha como lema: “Votou em uma, votou em todas”, tal lema era utilizado em peças publicitárias e no horário eleitoral gratuito cada candidato se apresentava pedindo voto para si, mas indicando um parceiro caso fosse da preferência do eleitor optar por outro candidato.

A campanha ganhou notoriedade pela solidariedade entre os candidatos que estavam sempre pedindo votos para os companheiros. Logo após essa primeira aproximação eleitoral, o contato se tornou mais distante, apenas via redes sociais com o acompanhamento periódico das atividades realizadas pelo grupo assim como das vereadoras eleitas.

Ao entrar para o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Unirio, ficou evidente, desde o começo, que seria necessário um enfoque maior no tema pretendido de estudo que era na linha de pesquisa do comportamento político eleitoral e que, posteriormente, amadureceu-se para o estudo de novas formas de representação política e participação dos cidadãos no Brasil de hoje.

Na busca por algo que pudesse então dar norte às novas pretensões de pesquisa é que a memória viva de uma campanha política pulsante, bonita e

inovadora de um grupo de jovens na cidade de Belo Horizonte – MG voltou rapidamente à minha mente se iniciando assim de imediato uma aproximação mais forte com a organização a fim de iniciarmos a pesquisa.

O primeiro contato foi feito via Twitter², na página oficial da organização, que prontamente respondeu a mensagem com nome e contato de uma pessoa que poderia nos ajudar com a pesquisa.

Fizemos então contato com a pessoa sugerida via email, que mais uma vez prontamente nos respondeu e se disponibilizou a colaborar com o estudo.

As Muitas colocou à nossa disposição um cadastro composto por integrantes, organizadores (as) e ex-candidatos (as). A estratégia adotada foi realizar contato via Whatsapp³ com a lista de pessoas na expectativa que estes respondessem e se disponibilizassem para participar das entrevistas. Posteriormente, observou-se indicações desses primeiros contatos, compondo um recrutamento no estilo bola de neve. Ao final, foram 10 entrevistados, cujos perfis estão descritos no quadro II.

A técnica de pesquisa foi entrevista em profundidade, com roteiro semi-estruturado.

Prosseguimos, pois com a realização das entrevistas que ocorreram no Gabinete na Câmara Municipal de Belo Horizonte, em um ateliê organizado temporariamente para a campanha política de 2018, ou nas casas de entrevistados.

As entrevistas foram gravadas, transcritas em sua íntegra, decodificadas e sistematizadas de acordo com roteiro de análise, estruturado a partir da discussão da literatura sobre partido movimento.

A pesquisa qualitativa foi adotada por seu caráter exploratório. Tais movimentos são muito recentes em nossa democracia representativa e os primeiros estudos a seu respeito começam a ser desenvolvidos concomitantemente com essa dissertação. Não há um conhecimento consolidado sobre eles ainda, daí o caráter exploratório ser tão ajustado nesse momento.

² Rede social fundada em 2006 em São Francisco na Califórnia EUA para ser um servidor de microblog, para sua utilização basta que as pessoas façam um perfil e publiquem suas ideias no site que hospeda os perfis. O twitter é uma rede social famosa por possibilitar a interação rápida entre as pessoas e foi muito utilizada em campanhas políticas, caso mais emblemático foi a campanha presidencial Estadunidense que elegeu Barack Obama. O candidato utilizou a plataforma para falar e responder diretamente aos eleitores, com uma interação sem barreiras jamais vista antes.

³ Whatsapp é um aplicativo de mensagens instantâneas para smartphones criado em 2009 nos Estados Unidos. O aplicativo possuía em 2015 mais de 900 milhões de usuários ativos e passou a ser uma plataforma extremamente popular para conectar pessoas em todo o mundo, além de um dos mais utilizados no Brasil.

Quadro II: Perfil dos entrevistados.

Entrevistado	Função nas Muitas
Entrevistado I	Integrante do grupo de Trabalho de Mídias Sociais desde 2016
Entrevistado II	Ex-candidata nas eleições de 2014
Entrevistado III	Membro-Fundador, ex-candidato nas eleições de 2018, e assessor no mandato.
Entrevistado IV	Ex-candidato em 2014 e assessor no mandato
Entrevistado V	Membro-Fundador das Muitas e assessor de mandato.
Entrevistado VI	Assessor de mandato desde 2017
Entrevistado VII	Membro desde 2016
Entrevistado VIII	Membro-Fundadora das Muitas
Entrevistado IX	Membro-Fundador, assessor de mandato
Entrevistado X	Ex candidato em 2018, Membro-Fundador das Muitas, assessor de mandato

Fonte: Elaboração da autora.

4. Análise dos Dados

Neste capítulo pretende-se articular literatura e resultados apreendidos nas entrevistas em profundidade para analisar a origem e organização de As Muitas a fim de identificar os elementos que trazem do partido movimento.

A sistematização dos dados aconteceu em dois passos. Em um primeiro momento, utilizou-se a teoria apresentada de Partido-Movimento por Kitschelt(2003), Gunther e Diamond (2003) e Souza & Penteado(2017). Fazendo um contra ponto em relação a partido movimento e movimentos sociais organizados, trazemos a literatura de Christiasen em *“Four stages of Social Movements”* em que o autor discorre sobre a organização de movimentos sociais fazendo um compilado sobre o tema dentro da área da Sociologia.

A partir dessa literatura, elaboramos três categorias de análise. As categorias criadas a partir do texto base sobre partidos-movimentos de Kitschelt se concentram em aspectos que o autor coloca que seriam essenciais dessa forma-partido, isto é, aquilo que seriam as características principais para considerar um partido-movimento.

A primeira se trata das estratégias de comunicação e mobilização destas organizações. O partido-movimento adquire dos movimentos sociais forte organização de base e para tal promove participação, cooperação entre as partes, além da utilização das redes sociais para ajudar nessa tarefa.

A segunda é referente à organização não formalizada que esta forma-partido absorve. Como uma tentativa de serem flexíveis, essas organizações aderem formas mais horizontais e menos formais. Membresia flexível em que não se tem a obrigatoriedade de sempre participar; a ausência de líderes; e a forte organização de base são os subitens que compõem essa categoria e que são observados tipicamente em partidos-movimento segundo de Kitschelt.

A terceira categoria se refere aos desafios transpassados por esses partidos-movimento para conseguirem se estabelecer. Kitschelt apresenta: a) desafio das regras e do sistema partidário e eleitoral em conseguir cumprir as obrigatoriedades da lei para montar um partido político e os componentes estruturais para a disputa nas urnas; b) o de se localizar dentro do eixo ideológico e partidário e conseguir conciliar entre todos os seus integrantes este posicionamento; c) o desafio organizacional, sem burocratização e desconexão com a sociedade; d) o de conciliar

pautas do movimento de base com as pautas que serão defendidas pelo mandato conquistado. Estes quatro elementos compõem os subitens da categoria desafios.

Com estas categorias buscamos identificar na organização a qual este estudo de caso pretende debruçar, razões pelas quais se poderiam identificar elementos de partido-movimento tendo em vista a teoria original de Kitschelt e também comparada com o Podemos como um modelo ideal de uma reinterpretação desse modelo de forma-partido a partir dos desenvolvimentos sócio-culturais e políticos próprios do século XXI.

O segundo passo, já no final, consistiu em traçar um paralelo entre o nascimento e evolução das Muitas e do Podemos a partir da literatura apresentada por Bringel (2015). O objetivo aqui foi jogar luz nas similaridades entre as Muitas e o modelo padrão e atual de partido movimento. Foram listadas algumas categorias no comparativo.

4.1 A origem e a organização das Muitas

As Muitas é uma organização de ativistas, artistas, e pessoas comuns que ao se conhecerem e reconhecerem dentro das diversas lutas sócio-políticas da cidade de Belo Horizonte decidiram que não havia mais espaço para a paralisia, e, mais do que isso, que o que os unia era mais forte do que o que os diferenciava: Detectaram a necessidade de uma representação de seus interesses que julgassem real, efetiva dentro das instâncias de tomada de decisão, no poder público.

Este fenômeno é citado por Castells (2012) como sendo fruto do esgotamento das pessoas em relação ao imobilismo político, que geraria tamanho desconforto, a ponto de incentivar a tomada de atitude para influir em questões.

Castells (2012) coloca que os movimentos sociais foram e são peças elementares para as mudanças sociais na história da humanidade, e que se originaram a partir de crises ligadas geralmente à degradação da qualidade de vida a pontos insustentáveis. Esta condição acaba por minar a confiança nas instituições públicas e políticas o que induz à criação destes movimentos sociais.

O autor conclui que a confluência entre a degradação das condições materiais de vida conjuntamente com a crise de legitimidade dos órgãos públicos, políticos, governantes e instituições levam as pessoas a atitude de tentar resolver com suas próprias mãos as questões que concernem suas comunidades e vidas públicas, envolvendo-se em ações coletivas entre outros meios, fora dos canais institucionais

tradicionais, ao ponto de suas ações culminarem até mesmo na troca de governantes e a troca de regras que moldam suas vidas. (CASTELLS, 2012)

A diferença crucial das Muitas para outros movimentos sociais quaisquer é que estes atores decidem em determinado momento que era ou é necessário ações mais contundentes e para isso seria primordial obter cargos públicos e se lançar na arena eleitoral.

A literatura da ciência política ainda engatinha, pela contemporaneidade destes fenômenos na política, em compreender, sistematizar e categorizar o que seriam estas novas organizações que hoje têm sido recorrentes não só no Brasil como no mundo.

A literatura sobre partido movimento traz muita contribuição para a análise da origem e organização das Muitas. Para Kitschelt, partido-movimento seria uma tipologia transitória de organização que parte do movimento social ao partido político, a fim de criar uma estrutura para entrada na arena institucional do sistema político, extrapolando o propósito da organização exclusivamente para ações coletivas. (KITSCHELT, 2003)

Segundo o autor a definição de partidos movimentos seria uma coalizão de ativistas políticos que se articulam para adentrar, concorrer a cargos políticos nas eleições, mas que desejam e tentam manter a organização, as práticas e estratégias originais dos movimentos sociais.

Kitschelt coloca que uma das características cruciais é a de que estas organizações investem muito pouco em uma estrutura formal de partido, tentando assim se parecer o máximo possível com o formato de movimento social.

Assim como uma estrutura formal não é comumente observada, uma formalização de filiação também não é valorizada nestas organizações. Segundo o autor qualquer pessoa que frequente as atividades ou vá a um encontro do partido já é considerado “membro” e pode participar ativamente das atividades e até mesmo de votações.

Outra característica de sua organização é a não profissionalização. Geralmente dispensam estrutura burocrática com equipe de profissionais pagos e estruturas físicas como escritórios, veículos oficiais e etc. (KITSCHELT, 2003). Investem muito pouco também em programas políticos bem definidos.

Também de acordo com Gunther e Diamond (2003) os partidos movimentos tendem a não adotar barreiras de filiação ficando abertos àqueles que queiram

participar, assim terminam por reunir ativistas das mais diversas ordens. Outra característica de acordo com os autores é que o forte compromisso com a participação direta termina por levar a resistência quanto a uma organização mais centralizada e assim o partido movimento ou movimentalista termina por se escorar em redes de apoio informais, sem estrutura formal, hierarquia e comando central.

Este fato é um dos que se destaca sobre as Muitas. A organização não possui espaço físico, escritórios ou qualquer estrutura formal, assim como nenhuma formalidade em relação a rol de membros, entretanto com a conquista do primeiro mandato em 2016 abre-se um espaço de organização que é o gabinete das vereadoras eleitas que funciona inteiramente para o exercício desse mandato.

A ausência de barreiras para a participação está presente na fala dos entrevistados, eles frisam que a colaboração de todos é voluntária e se dá à medida que as pessoas desejam contribuir e fazer parte do processo. Verbaliza assim a escolha pelas redes de apoio informais em detrimento de organização hierárquica e centralizada.

A organização não tem uma hierarquia. Todo mundo pode participar, dar sua opinião, dar ideia. Cada um contribui da maneira que pode, com o tempo que pode. (Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Acho que são redes, como uma comunidade e movidas por afeto também. Afeto é uma palavra importante nas Muitas. Não existe uma estrutura, não existe uma sede, não existe um WhatsApp, um número institucional, email institucional. A gente tem uma lista de e-mail, tem uma página no Facebook, (Entrevistado I, Belo Horizonte 26/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Kitschelt destaca que em tese um partido movimento considera que qualquer pessoa que passe a frequentar as reuniões da organização faz parte de seu corpo e, portanto, é livre para participar e até mesmo votar conjuntamente propostas e monções apresentadas em tais encontros. Demonstram forte apreço à participação direta.

A pessoa se sente pertencente. Isso acontece de forma natural, espontânea. Não é aquela imposição, de você ter que ir a todas as reuniões. A pessoa vai quando pode, doa da forma que ela pode, assim é livre, não existe nenhum tipo de cobrança e nem regras assim. (Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Eu acho que o mais forte das Muitas é o capital humano, as pessoas. A gente sempre quis ampliar cada vez mais, chamar cada vez mais pessoas para estar e pensar junto. (Entrevistado VIII, Belo Horizonte 11/12/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Hoje, no Facebook tem 22 mil, 30 mil pessoas, às vezes, as pessoas participam das Muitas e de repente dão uma distanciada. (Entrevistado I, Belo Horizonte 26/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Grande parte dos entrevistados enfatiza em suas falas que as Muitas seriam uma “movimentação” isto é, um espaço em que diversos ativistas concentram esforços principalmente em período eleitoral para eleger os candidatos de sua preferência, não sendo um movimento em formato estático, mas uma movimentação que está sempre em ação através dos indivíduos que a compõem.

Esse título “movimentação” parece ser algo caro a eles. Encaram as Muitas como um guarda-chuva que abriga diversos movimentos. Ademais são ativos.

Este é um destaque apresentado por Kitschelt o fato de que essas organizações são em geral uma confluência de atores que fazem parte de algum movimento social anteriormente ao partido movimento e em determinado momento optam pela via eleitoral para pautar seus interesses.

Tem uma coisa que é muito importante assim que essa aproximação de constituição das Muitas, não é uma aproximação de movimentos, ou seja, não são diretrizes tiradas de movimentos sociais que resolvem se agregar e fazer uma força, são pessoas de movimentos que ... lideranças ou simplesmente simpatizantes ou participantes de movimentos que resolvem se aproximar e compor essa luta, sobre tudo o carnaval, mobilidade urbana, as ocupações os movimentos LGBT (ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

as Muitas elas surgiram nesse contexto como uma tentativa de congregação dos diversos movimentos sociais e das lideranças que já estavam atuando há muitos anos aqui em Belo Horizonte e aí foi uma congregação de articulações dos movimentos da cultura, da Praia da estação, dos movimentos de ocupação urbana, de repensar o direito à cidade.(ENTREVISTADO VI. Belo Horizonte 28/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Fora Lacerda as ocupações urbanas, a interlocução com a população em situação de rua e trabalhadores ambulantes, ocupação do espaço comum Luiz Estrela, ocupação da Câmara Municipal, e a pauta de mobilidade com o Tarifa zero, Assembleia popular horizontal, que se instituiu nas jornadas de junho, enfim todos esses movimentos na verdade se conformaram como um solo fértil que agitou a cidade e criou um campo de força muito grande colocando em contato em conexão essas lutas, essas frentes novas e outras lutas e movimentos que já haviam se constituindo na cidade há mais tempo, então uma feliz sobreposição de pautas e bandeiras que antes estavam isoladas e que acabam se unindo (Entrevistado X, Belo Horizonte 23/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Uma das questões apresentadas pelo autor é a de que partidos movimentos ou são guiados e sustentados por um líder carismático ou são organizados fortemente em uma base democrática e horizontal que constrói as decisões de maneira coletiva e integrada. (KITSCHOLT, 2003)

Há uma ausência de um líder carismático, porém há forte organização de base o que acabam por configurar um partido movimento e que é observado nas falas dos entrevistados ao relatarem suas vivências nas Muitas.

Então, mas a organização é um pouco isso, não tem assim uma hierarquia, todo mundo pode participar, dar a sua opinião, dar a sua ideia. Cada um contribui da maneira que pode, de um tempo que a pessoa pode estar dedicando né. (Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Eu tenho certeza absoluta que não existem pessoas mais (ou menos) importantes nas Muitas. São pessoas que dedicaram mais ou menos o seu tempo. As pessoas que são mais influentes são as que estão profundamente dedicadas a esse projeto. São mais importantes porque se dedicam mais. (Entrevistado I, Belo Horizonte 26/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

De maneira geral a organização das Muitas é calcada na confiança construída durante o processo de criação das suas ações. Foi durante esse percurso de construção que se estabeleceram também as suas prioridades e que os seus integrantes aprenderam a lidar com os desafios e perspectivas da organização.

Os quesitos que apresentamos sobre o formato da organização são sem dúvida condizentes com as características apresentadas por Kitschelt como sendo as de um partido-movimento.

Parece oportuno nesse momento trazer também a discussão sobre o movimento social desenvolvida por Christiansen (2009). O autor faz um compilado sobre os ciclos de vida dos movimentos sociais, aponta precisamente os estágios em que eles surgem se desenvolvem e, eventualmente, podem se extinguir.

No primeiro estágio, a emergência, indivíduos se uniram para extravasar seu descontentamento e suas frustrações sem qualquer nível de organização.

Logo em seguida viria à etapa chamada coalescência em que os indivíduos passam a enxergar mais claramente como, onde e porque se sentem frustrados com as questões que os afligem e compreenderem este fato como algo coletivo e não mais uma frustração individual. Nesta fase é que se começa a desenhar maneiras efetivas de resolver os conflitos e incômodos coletivos.

A terceira etapa é onde se encontra o estágio da formalização do movimento, em que as ações precisam ser mais coordenadas e estratégicas para assim serem mais efetivas. Neste estágio, o sucesso das ações do movimento já alcançaram um nível tão elevado que é necessário coalizões e articulações maiores, assim como um corpo técnico e profissional para organizar as ações que vão além das

manifestações de rua. Nesse momento já surgem também os líderes carismáticos, com prestígio.

A quarta etapa seria o declínio, nesse estágio o autor divide em quatro opções, cooptação, repressão, sucesso ou fracasso. Sendo que cooptação seria quando os integrantes do movimento acabam por se aliar ao sistema contra a causa do movimento inicialmente; a repressão seria as diversas barreiras que acabam sendo colocadas a estes movimentos a ponto de fazê-los perder força; o sucesso seria quando se cumpre o objetivo desse movimento social fazendo com que este perca a razão de ser ou decida seguir outros caminhos; fracasso seria por fim quando não se consegue êxito nas ações e se impossibilita de alguma forma que o movimento siga em frente com sua luta. (CHRISTIANSEN, 2009)

No decorrer da análise é possível perceber que As muitas percorre, os estágios um e dois descritos por Christiansen.

Segundo consta nas entrevistas, as Muitas nasce da confluência de distintos movimentos sociais de Belo Horizonte, que observaram na figura do prefeito Marcio Lacerda e nas forças que o apoiavam na prefeitura, a saber, os partidos tradicionais PT e PSDB, os inimigos em comum e estabeleceram entre si uma aliança e união de forças.

Foi em 2015 que surgiu a ideia de criar o coletivo Muitas. Eram pessoas de vários movimentos sociais, que frequentavam a Praia e que estavam envolvidas em outros movimentos inclusive o Fora Lacerda, que foi um movimento contra o Prefeito. Lacerda foi um Prefeito muito autoritário e que não tinha diálogo com os movimentos sociais, com os movimentos de ocupação na cidade e tudo, Assim surgiu o Fora Lacerda (Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

O terceiro estágio que seria o da burocratização é a questão que distancia as Muitas das características observadas em movimentos sociais. A todo momento, nas falas dos entrevistado, é perceptível o incomodo com a formalidade, a burocratização que possivelmente poderia interferir na identidade do movimento que é baseada na não-hieraquização.

A base da identidade das Muitas se concentra em manter um perfil de maior horizontalidade e buscando manter esse perfil é que se unem para querer uma representação a qual os permita manter-se sem muita formalidade ao mesmo tempo que os dê voz.

A trajetória de movimento social que saiu da primeira fase da emergência e chega ao mandato eletivo sem passar pela etapa de burocratização e formalização – justamente por negação – traz componentes do partido movimento definido por

Kitschelt e se distancia de movimento na medida em que ele quebra o processo predito para movimentos sociais citado por Christiansen com suas quatro etapas. Ela se distancia ainda mais desse conceito, nos termos traçados por Christiansen, na medida em que não cumpre qualquer uma das quatro opções para o quarto estágio.

As Muitas, ao buscar uma associação com um partido já pré-estabelecido e que porventura reconheça a sua autonomia, o PSOL, encontra uma alternativa para que se contorne os desafios que o sistema brasileiro impõe em relação a obrigatoriedade de um partido político para que se lance candidaturas no país, assim como todas as exigências para que se criar um partido político no Brasil.

E aí o partido, que eu tenho minhas críticas, mas que, ao mesmo tempo, eu acho que é o melhor partido que tem atualmente no país, é o PSOL porque ele tem uma abertura para esses movimentos autônomos e independentes. Ele entende que existem movimentos que querem lançar candidaturas e não querem estar estruturalmente num partido. Eles têm candidatura democrática. A gente acabou entrando de outra forma, que foi a construção com o partido, mas assim, Ah, você é uma liderança política dum bairro, você está querendo se candidatar, você se alinha e com os princípios básicos do PSOL, você pode se candidatar pelo PSOL, sem estar fazendo parte do dia-a-dia do partido. Então você não precisa estar lá votando em diretório, não sei que. Você está na candidatura, você é PSOL e tal, mas você é uma candidatura autônoma do partido. Você tem um partido com uma cabeça aberta nesse sentido, então a gente acabou se alinhando ao PSOL. (Entrevistado VIII, Belo Horizonte 11/12/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

4.2 Mobilização e estratégias de comunicação nas Muitas.

KITSCHOLT (2003) não menciona detalhes sobre como seriam as estratégias de comunicação de um partido movimento. No entanto nega a burocratização e a profissionalização típica dos partidos tradicionais, e acaba por sugerir algo que fuja dos grandes meios de comunicação. Numa realidade de redes sociais, imagina-se que ela deva passar pela web.

Trabalhos recentes sobre o Podemos, considerado um partido movimento, apontam que as redes sociais são vastamente utilizadas em duplo sentido. Proporcionando uma estrutura muito flexível e barata de comunicação de ações com a população, o Podemos se utiliza da internet para estabelecer espaço de diálogo e de convívio, sempre com uma linguagem muito direta. O partido movimento se utiliza das redes sociais ainda para criar, desenvolver plataformas online para receber propostas da sociedade civil, num esforço de descentralização dos debates e decisões (Bringel, 2012).

O que se viu através das entrevistas foi o correspondente uso das redes sociais pelas As Muitas, a exemplo do que Bringel constatou com o Podemos, que faz uso delas para reconectar e mobilizar a sociedade, além de estar sempre em contato com diversos movimentos sociais e promover a integração dos debates públicos. Isso porque As Muitas procuram, desde sua origem, a horizontalidade das ações e das construções de pautas, o não personalismo; buscando incentivar a ação coletiva e colaborativa.

Constatar As Muitas como um fenômeno político é também tentar compreender como e com quais ferramentas essa organização consegue se aproximar das pessoas e mobilizá-las.

Em tempos de profundo descrédito da imagem do homem público e da política de uma maneira geral, esse grupo aposta na linguagem informal e simples e em levar o debate público às praças e ruas da cidade na tentativa assim de reencantar as pessoas.

Essa estratégia é similar à de movimentos sociais, é desse modelo organizativo que se tira a inspiração. Um movimento orgânico, horizontal e aberto para a construção de ações e pautas programáticas é o que se idealiza por este movimento numa tentativa de diminuir o abismo existente entre representantes e representados.

A idealização de eventos que vão preenchendo o calendário político no início das Muitas eram o que a gente chamou de explosões programáticas, esses encontros temáticos permitiu a gente discutir assuntos específicos... mobile... como eu falei mobilidade urbana, feminismos, como transbordar partidos, e... os movimentos LGBTs, movimentos de ocupação, isto tentando girar a cidade e fazer esses eventos em locais públicos em locais que tivessem essa presença, juventudes, então um debate desse sobre juventudes ia acontecer debaixo de um viaduto num lugar onde as pessoas geralmente promovem saraus, batalhas de MC's, duelo de passinhos..(ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Fui na reunião do GT que por coincidência era até aqui no bairro na rua aqui de cima e é um elemento importante também, eu falo muito, você pode ir tentando.. era uma reunião aqui no bairro e na casa de uma pessoa, aberta o que também dá muito senso de comunidade e de rede que é uma coisa que eu acho que diferenciam As Muitas e que me atraiu, essa proximidade, uma página me respondendo me chamando pelo nome, conversando comigo, tinha uma reunião, era uma casa, disponibilizaram o endereço, eu toquei o interfone e uma pessoa abriu para mim? (Entrevistado I, Belo Horizonte 26/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

A estratégia das Muitas é essa de ir para os territórios, de promover debates, de buscar seduzir sabe, para que a política, ela deixe de ser essa coisa dada, essa coisa enfadonha, essa coisa chata, e aí vem a performatividade na política, que é essa tentativa de juntar a cultura, a arte,

o povo, de falar a língua do povo sabe de não distanciar a política do cotidiano. (Entrevistado VI, Belo Horizonte 28/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

A adoção da simplicidade como estratégia, tem como objetivo segundo os diversos entrevistados reencantar as pessoas, aproximar o cidadão comum das questões referentes à política ao mesmo passo que tornar o fazer político mais prazerosos para si próprios.

Uma das características a qual as Muitas gostam de enfatizar é realegrar a política, carnavalizar, performatizar, traçando uma relação direta entre arte, teatro e política. Para seus integrantes o valor maior em participar e construir esse movimento é o de que seja possível uma nova forma de fazer política, e que a política possa ser algo que seja não somente eficaz, mas também apreciada.

É eu acho que tem um outro princípio que pra mim é bem importante que é a performatização da política, assim é a gente vê o espaço tanto dessa política cotidiana né então todas as nossas atividades seja uma roda de conversa, uma explosão programática, até as nossas atividades mais ligadas à política institucional elas têm um caráter performático performativo né? então a posse das nossas vereadoras, os balanço do mandato, a nossa própria atuação aqui na câmara e tal, então eu acho que essa performatização essa carnavalização da política é também um princípio assim, que eu acho que puxa o outro que é essa política do afeto, né? Que é a gente também não se deixar é... não se deixar desidrar pela dureza e pela segura que o fazer político pode trazer, ter o afeto com uma matéria de trabalho, e o afeto não quer dizer só o amor e que tá tudo bom, não, o afeto também é você se afetar pelos questões do outro, pelas discordâncias né? e aquilo, entender que aquilo ali é matéria de trabalho e não o contrário, que aquilo ali é um bloqueio né? (Entrevistado IX, Belo Horizonte 11/12/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Outra estratégia de mobilização que as Muitas adota é a utilização das redes sociais como canal de distribuição de informações sobre a organização, mobilização e articulação interna.

Extremamente ativos nas redes sociais como Facebook e Twitter, as Muitas mantêm publicações diárias em seus perfis nestas redes sociais em que além de divulgarem eventos e notícias sobre os representantes eleitos também interagem com os demais usuários das redes através das mais variadas linguagens da internet.

As páginas nas redes sociais visam levantar debates, visibilizar as atividades realizadas, além da utilização de linguagem da internet denominados “memes” com teor crítico.

Atualmente a página do Facebook das Muitas possui cerca de 25 mil seguidores, o número é igualmente repetido na conta da rede social Instagram, já na conta oficial no Twitter são cerca de 6 mil seguidores.

Esta ferramenta tecnológica permite que as Muitas se conecte com o cidadão, mobilize novos integrantes além de produzir engajamento nos já membros desta organização.

A internet possibilita também que esta organização possa manter essa horizontalidade pela qual prezam, além desse formato mais fluído e multiforme. As redes sociais entre outras ferramentas utilizadas contribuem para que não seja necessário ter locais fixos, escritórios, carros oficiais, quase tudo pode ser organizado pela internet sem a necessidade destes meios para se manter ativa.

porque obviamente as muitas sempre investiu na construção de um simbólico político né ou seja uma presença nas redes muito bem estudada né, sobretudo através do Facebook na época ainda permitia essa expressão e a construção de plataformas digitais que a gente estudou e herdou.(ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Além disso, a internet permitiu que as Muitas construíssem a partir de códigos compartilhados de outros movimentos municipalistas da Espanha, um software que possibilita a criação de uma plataforma online em que as pessoas podem comentar, produzir, e votar por diversas propostas políticas no âmbito das questões concernentes as Muitas, criando assim um programa político conjuntamente com a sociedade.

Este é mais uma contribuição que a internet dá para a manutenção de uma organização sem a necessidade de muita estrutura e que ainda assim consegue mobilizar, articular e se manter ativa em todas as instâncias necessárias.

A gente estudou e herdou também assim de software livre mas que foram utilizado por exemplo na eleição municipalista espanhola, a gente... são códigos livres na internet a gente traduziu colocou essa plataforma que permite qualquer pessoa comentar, discutir sobre propostas tematizadas né, então isso também foi uma coisa que foi fundamenta.(ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Para além da comunicação e mobilização externa, as Muitas conta com uma forte cooperação entre as partes para que sua mobilização como um todo dê certo.

Seus integrantes se desdobram para que suas ações saiam do papel. A baixa organização formal faz com que o empenho para que eventos aconteçam seja maior e dependa mais da união e o esforço coletivo de cada participante da organização. As Muitas conta com uma intensa mobilização nesse sentido.

Na Tora Produções, no início a gente fazia reuniões de 15 em 15 dias assim, mas aí com a chegada por exemplo na época da campanha era toda semana né, e durante a campanha é.. aí que a gente consegue um espaço para ter, né, um espaço de atelier, de construção, de criação coletiva, que foi na primeira campanha de 2016 e agora também né, agora em 2018 a gente tinha também um espaço de atelier(Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

agora cada evento desse então entrava num processo de organização no qual as pessoas se pre disponibilizavam e entrar num sistema de comunicação via rede de usar da experiência da expertise das pessoas em programação de evento , então a pessoa realmente doava do seu tempo para cuidar de... “Como nós vamos conseguir passagem se nós não temos dinheiro.” Então fazer uma rede de chamar pessoas para poder doar e acreditar que é né que é honesto isso e tal então, vai doar milhas para uma determinada pessoa e essa pessoas vai comprar as passagens, então era um processo de construção de confiança e acontecimentos isso, é... hospedagem solidária para poder receber essa pessoa, o lugar... quem é que vai arrumar o som, nos vamos ter que arrumar um som emprestado de alguém e tal com o tempo a gente fez uma vaquinha e comprou um som que pudesse que, tá até aqui hoje tá com defeito mas... era um som a bateria que a gente levava para a praça e fazia debate com eles assim. .(ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Esta intensa mobilização é herança direta dos movimentos sociais, através dela é que se mantém ativa o interesse na organização, pelo sentimento de estar sempre em construção é que se renova o interesse em participar.

As Muitas como organização parece nutrir esse sentimento de inacabado como uma ferramenta de renovação constante e oxigenação de suas ideias. O ponto central é que as estratégias de comunicação e mobilização adotadas são em resumo uma ferramenta pra reconectar a sociedade e resignificar seus meios e sentidos.

4.3 Desafios institucionais, espaciais e organizacionais.

Kitschelt argumenta que existem desafios que os partidos movimentos passarão para primeiramente conseguirem se firmar na arena de representação, manter seus princípios e base de origem além de se posicionar ideológica em um eixo já posto socialmente, enfrentando as mais variadas disputas intrainstitucional e interinstitucional.

Um dos desafios elencados por Kitschelt são as barreiras legais. O autor coloca que um partido movimento só consegue ser bem sucedido caso ele consiga transpassar as dificuldades das leis eleitorais entre outras regras formais e informais

que promovem uma restrição do crescimento de novos atores que desafiem os partidos já estabelecidos na arena de representação. (KITSCHELT, 2003)

No Brasil, existe um constrangimento eleitoral por lei que impede qualquer estratégia de candidaturas autônomas que nasçam e partam apenas e exclusivamente de movimentos sociais, o que leva esses novos atores a duas opções, associar-se a um partido político ou criar um partido político que dê o suporte necessário para a viabilidade eleitoral.

Criar um partido político no Brasil requer um mínimo de institucionalização e, conseqüentemente, de burocratização na construção da capilaridade nacional com diretórios. Ademais, uma das etapas mais difíceis do processo requer um número mínimo de assinaturas em abrangência nacional:

§ 1º Só é admitido o registro do estatuto de partido político que tenha caráter nacional, considerando-se como tal aquele que comprove, no período de dois anos, o apoio de eleitores não filiados a partido político, correspondente a, pelo menos, 0,5% (cinco décimos por cento) dos votos dados na última eleição geral para a Câmara dos Deputados, não computados os votos em branco e os nulos, distribuídos por um terço, ou mais, dos Estados, com um mínimo de 0,1% (um décimo por cento) do eleitorado que haja votado em cada um deles. (Redação dada pela Lei nº 13.165, de 2015) (BRASIL, 2015).

Posto os requisitos necessários para a construção de uma legenda no país, a necessidade de um partido político para a oficialização das candidaturas se torna um limitante importante nessa jornada de vários movimentos sociais em se lançarem a arena da competição eleitoral e uma barreira que também foi presente na história da constituição das Muitas. Verifica-se que a associação a outro partido soa como a única solução possível para pleitear candidatura, dada a restrição da regra para criação de partidos no país.

Podemos na Espanha aflorou isso aí de uma forma bem potente, com proposta e que inspirou outros movimentos. Mas é difícil para gente inovar por causa da nossa lei eleitoral. Você ter que se subjugar a sair por um PSOL. Não que o PSOL não tenha o seu valor, claro que tem. Só que o PSOL nasce no contexto partidário de século 20, do paradigma daquele momento, e nós estamos precisando de novos paradigmas. As Muitas tenta inovar, mas inovar até onde ela pode, porque ela não pode sair sem estar vinculada a um partido. Isso é um desafio. (Entrevistado VII, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Então como que a gente vai ocupar as eleições? A gente na verdade já tem uma utopia, um desejo, e acredita já numa história que não tem partidos com candidaturas autônomas, cidadãs e tal, mas o processo ainda é assim. Falamos assim: a gente não quer ser entendido como uma corrente dentro de um partido. A nossa ideia inicial inclusive era lançar candidaturas por vários partidos. [...] De ser uma disputa forte mesmo, agressiva, hierárquica sabe? Tudo que a gente estava querendo desconstruir, a gente encontrou

ali, mas era o espaço que era possível para gente lançar candidaturas, então a gente tinha que entrar nessa, não tinha jeito assim. (Entrevistado VIII, Belo Horizonte 11/12/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

É possível identificar nestas falas o desafio do estágio quatro que Christiansen coloca em relação a cooptação do movimento, mas que aparentemente tem sido encarada pelas Muitas que busca enfrentar o desafio. (CHRISTIANSEN, 2009)

No Brasil, mais recentemente novas barreiras legais foram impostas por reformas políticas que dificultam o acesso de partidos ao fundo partidário que financia a vida partidária no Brasil, levando em conta a quantidade de políticos eleitos etc, assim como o uso exclusivo desse fundo para campanhas também foi promulgado. Ou seja, além das dificuldades de criação do partido, há ainda desincentivo para o surgimento de partidos pequenos, com restrição de acesso a recursos.

A emenda constitucional EC 97/2017(antiga PEC 33/2017) cria uma cláusula de barreira que impede que partidos tenham acesso ao horário gratuito de propaganda na TV e rádio assim como ao fundo partidário dependendo do seu desempenho nas eleições.

Segundo a EC os partidos têm que alcançar pelo menos 1,5 % dos votos validos em eleições proporcionais em pelo menos 1/3 das unidades da federação para que possam transpassar essa barreira e ter acesso aos meios.

A EC também estabelece que esta porcentagem aumente gradativamente até 2031 com a previsão também do fim das coligações entre partidos em eleições proporcionais até 2020.

Portanto, as regras partidárias e eleitorais se constituem como um obstáculo contundente no Brasil para se formar um partido político assim como para desenvolvê-lo.

As Muitas procurou um modo de contornar as rígidas regras partidárias e eleitorais para viabilizar as suas candidaturas ao estabelecer uma relação de apadrinhamento com o PSOL.

A ideia das muitas e até uma coisa mais assim de independente dentro do PSOL, porque o PSOL é formado por algumas correntes, como todo partido, temos correntes políticas, a gente entrou de uma forma independente não participa de nenhum corrente (Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio)

Tem uma coisa também que é o próprio financiamento partidário. Nessas eleições, a assimetria disso assim... Para mencionar alguns dos maiores,

sabendo que não são os únicos, mas assim o que o PT, o PSDB, o PMDB e o PP têm de recursos em relação a esses 2,7 bilhões do fundo eleitoral e o que os partidos menores possuem é uma assimetria muito grande. Então se imaginar que nós conseguimos o que, provavelmente, metade de uma candidatura de parlamentar federal, por exemplo, desses partidos conseguiu obter do fundo eleitoral. Nós conseguimos arrecadar diretamente com a população e elegermos duas mulheres. (ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Olha, eu acho que quando a gente, faz a opção né? Por disputar a eleição, ocupar a política institucional, a gente tem que começar a romper barreiras, esgarçar limites que a própria construção do sistema político brasileiro já nos impõe, o primeiro deles foi o partido, não é? E a nossa relação, e a nossa entrada com o partido, vamos dizer assim né? Ela não é uma relação convencional ou como se convencionava a se dar a entrada de um ou de outro grupo de militantes em um partido político é uma relação de tensionamento inclusive conceitual né? (Entrevistado IX, Belo Horizonte 11/12/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

As muitas se difere dos partidos movimentos nesse quesito. A urgência na visão de seus participantes em lançar imediatamente, a época de sua constituição como organização, candidaturas plausíveis os fizeram optar por abarcar-se em um partido político já constituído, mas que possibilitassem certa liberdade ou até mesmo por sua fragilidade organizacional se tornar solo fértil para o crescimento deles.

A opção resolvida por eles foi realizada levando em conta as regras eleitorais pouco flexíveis e a necessidade que há da existência de um partido político para que candidaturas políticas sejam realizadas.

É, assim na formação das muitas assim... remontando ainda 2016 que... como é uma busca de ocupação política institucional e isso na conjuntura brasileira, claramente se colocou a necessidade de uma união de esforços políticos e a concentração numa viabilidade político-partidária. A princípio, a gente tentou trazer em Belo Horizonte, ainda Rede estava se constituindo, trazer a Rede em proximidade com o PSOL, porque a Rede tinha uma estrutura muito frágil aqui, como o PSOL também. (ENTREVISTADO III, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Se posicionar no eixo-político ideológico é outro desafio que se impõe aos partidos-movimento. Kitschelt se refere a esse desafio de se posicionar ideologicamente quando ele coloca que os partidos-movimento, por terem causas específicas ou identitárias como centrais, podem de algum modo não se ajustar precisamente do eixo-tradicional ideológico, esquerda- direita. (KITSCHOLT, 2003)

No século XX, XXI muito se discutiu e se discute sobre como os valores pós-materialistas não se encaixam no padrão ideário de esquerda direita e como isso dificulta a identificação de certos partido-movimento como sendo esquerda ou direita.

Gunther e Diamond colocam que basicamente existem duas variáveis de partidos movimentos identificados na Europa, os libertários de esquerda e os de extrema-direita pós-industriais.

Estes partidos, segundo os autores, são extremamente fluídos, nada fechados e padronizados, com composição aberta.

Diferentemente dos partidos tradicionais, os partidos-movimentos, além de serem essencialmente pós-materialistas, têm como objetivo principal a valorização da participação e das relações sociais solidárias, em detrimento de outras questões como a burocracia e o mercado. (GUNTHER e DIAMOND, 2015).

Para as Muitas o desafio de se posicionar no espectro ideológico não foi algo necessariamente grande. A congregação de ativistas em uma mesma organização confluiu para que todos que pensavam de maneira similar se unissem e se posiciona-se à esquerda do espectro político ideológico.

A gente começou também a conversar com alguns partidos, claro, sempre de esquerda, porque todas as pessoas envolvidas no movimento tinham um pensamento de esquerda. Eu me lembro que teve conversa com gente do PT, da Rede e do PSOL. Eu lembro que nem todas as pessoas das muitas filiaram ao PSOL. (Entrevistado IV, Belo Horizonte 25/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

A gente começou um processo difícil duro de discussão partidária, pra qual partido nós iríamos com quem nós dialogaríamos começando a fazer o que a gente chama de explosões programáticas são encontros temáticos sobre moradia feminismo cultura e outros temas assim que foi o que foi nos preparando para as eleições 2016, tinha uma inspiração. (Entrevistado V, Belo Horizonte 11/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Outro desafio que Kitschelt coloca seria o desafio da organização. Este desafio segundo o autor se dá pelo fato de que após serem eleitos os políticos passam a legislar e executar tarefas que não são apenas as lutas, a principio. Isto, portanto, geraria uma ruptura entre eleito e partido-movimento e essa tensão poderia levar ao fim da organização. (KITSCHELT, 2003)

Este tensionamento é presente nas Muitas atualmente. Percebe-se que a constituição de um mandato teve seus prós e contras dentro da organização que passa a se focar mais no mandato.

Com a eleição, com a existência da Gabinetona a gente, eu acredito que a gente tá vivendo um processo de limbo de entendimento. O mandato acabou se confundindo com a movimentação, muitas pessoas da movimentação vieram compor o mandado, isso tirou um fôlego, e um espaço de elaboração no seio da sociedade. Eu acho que a questão da democracia representativa traz umas questões também que é essa da implicação da responsabilidade. A partir do momento que a gente alcança um espaço dentro da institucionalidade há uma transferência de responsabilidade para esse lugar que se institui. Então as pessoas acabam

também se distanciando e delegando a responsabilidade para esse espaço. Então hoje a gente vive um momento de entendimento de reelaboração dessa movimentação, como que o mandato vai coexistir com a movimentação, como que a gente pode criar um espaço de autonomia da movimentação em relação aos mandatos. (Entrevistado X, Belo Horizonte 23/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

No outro patamar de complexificação, que, infelizmente, eu acho que tem se afastado muito dos seus projetos iniciais. O projeto político foi ganhando corpo, foi ganhando visibilidade, foi ganhando força, e vários dos compromissos iniciais foram sendo relativizados em prol de uma proteção do projeto político. O que pra mim é muito triste, é de uma decepção, de uma frustração, que eu não sei nem dizer assim, porque eu estou lá dentro dedicando parte da minha militância, da minha energia vital mesmo para esse projeto político, e eu vejo que muitas vezes a vaidade, a fragilidade das pessoas, do tipo a insegurança... Não sei uma necessidade de se colocar nesse projeto de uma forma mais protagonista, relativizou um pouco esses princípios que são tão bonitos sabe, e que são tão importantes são um diferencial mesmo desse projeto, mas continua sendo incrível, e incomparável com o que tem por aí, mas se as muitas não voltarem para as raízes, provavelmente ela... Vai perder o brilho, ela vai ter que se reinventar porque se não, não vai continuar tendo a força que teve nestas últimas eleições. (ENTREVISTADO VI. Belo Horizonte 28/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Depois das eleições de 2016 a gente entrou numa crise muito grande porque quem estava construindo as Muitas, grande parte dessas pessoas ou era candidata e entrou para o mandato ou entrou para o mandato para colaborar com a coletividade. Então a gente ficou muito tempo numa crise de identidade. Saber o que fazer com quem não está na gabinetona. Como colaborar com a gabinetona sem estar e para quê e deu tudo meio confusão, até que a gente decidiu, E essa foi uma proposta das muitas que estavam lá na câmara, apostar na territorialidade. (Entrevistado V, Belo Horizonte 11/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Nestas falas fica clara a preocupação de se fugir dos vícios da representação política e dos desafios dos efeitos de desconexão entre o mandato e o movimento se tornaram tarefas difíceis para o movimento social que é à base destes mandatos. Aqui se percebe a tentativa de se refutar o estágio número quatro colocado por Christiansen que seria o fracasso do movimento, além de ser perceptível a luta para que tal desfecho não se concretize. (CHRISTIENSEN, 2009)

Essa tensão fica evidente nas falas dos entrevistados, mas mais especificamente na fala dos mais próximos à movimentação das Muitas como movimento. Muitas vezes quando questionados se falavam sobre as Muitas ou sobre o gabinete estabelecido pós-eleições, os entrevistados se confundem e afirmam muitas vezes se referir a atividades desenvolvidas pelo gabinete e não pelas Muitas.

A linha tênue que separa o mandato da movimentação é muito presente, algumas vezes aparentemente incômoda também, mas existe por parte dos entrevistados uma certa consciência da existência de uma tensão entre os papéis que cada um tem que desempenhar além da necessidade de que essa tensão se

dissipe a partir de uma maturação da organização com uma definição de papéis mais clara.

Agora nesse segundo momento da gabinetona, a gente se voltou, acho que se envolveu muito na gabinetona. Era normal, porque era tudo novidade. A gabinetona se implementar enquanto uma nova forma de fazer política. A gente tinha as muitas na gabinetona, ótimo! E a Gabinetona transmitia a essência das Muitas, mas a gente caiu nos territórios, parece que o povo pode ter pensado assim: - Conquistando agora a gabinetona, era isso que nós queríamos. Agora a gente segue nossas lutas, as lutas não pararam ocupações urbanas, movimento negro e tal, mas as muitas não... não...custou a se encontrar na dinâmica entre gabinetona e realidade, e território e realidade social. Não sei se você concorda? (aponta para o outro entrevistado) Nós ficamos dois anos batendo a cabeça para nos entender, certo? Mas ela existindo, então eu acho que... Agora quando começa de novo o processo eleitoral, você vê que já vem nova vitória, né, a gente agora conquistou estadual, conquistou federal, e eu acho que nesse processo eleitoral a gente conseguiu avançar mais para ver o que que é Muitas no entrelaçamento profundo com a gabinetona mas também com a sua dinâmica própria não sei se você concorda Fala aí.(Entrevistado VII, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

A gente foi inventando uma gabinetona que tinha uma referência na história das Muitas, depois da eleição isso, com o cotidiano do trabalho parlamentar, acaba que essa movimentação se perdeu como eu te disse, a gente ficou meio, sem saber como se movimentar sendo que somos uma movimentação para ocupar as eleições, então quando não tem eleição que que essa movimentação faz? é uma crise que a gente vai começar a discutir agora né? ano que vem né, depois do segundo turno até o começo do ano nessa reorganização, e não tem muita resposta. (Entrevistado V, Belo Horizonte 11/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

As muitas se coloca neste ponto exatamente no estágio três da vida de um movimento descrita por Christiansen, lutando contra a burocratização principalmente pelo fato de que a burocratização vai completamente contra a base da identidade deles que é a horizontalidade e a não-hierarquia, ao mesmo tempo que luta para não fracassar seja pela cooptação, se rendendo à lógica do sistema político e da democracia representativa padrão, ou pelo simples fracasso.

A tensão entre o institucional e o não institucional aparenta ser como o fel para estas organizações, pois mesmo que ensejam modificar as instituições, uma vez dentro delas eles necessitam se organizar e se pautar segundo as regras já estabelecidas mesmo que temporariamente.

O efeito que isso tem sobre o movimento de base pode ser diverso, passando desde desengajamento e esvaziamento até a frustração e descrédito.

Esta questão que é apresentada por Kitschelt, (2003), Gunther e Diamond (2015), como sendo um grande empecilho para a continuação e crescimento de um partido-movimento é detectada em algumas falas dos entrevistados, para alguns com naturalidade e para outros com um tom de preocupação.

Pois é então... esse... por isso que vem a dificuldade, então o povo, o povo precisa, preferia ir direto na gabinetona que já estava lá com um poder instituído do que passar pelas Muitas e as Muitas perdeu um pouco sentido você tá entendendo? A gente falou “Quem somos nós? Em que a gente se relaciona com a gabinetona e em que que a gente é diferente da gabinetona e como que a gente pode fazer esse entrelaçamento.” Hoje, eu acho que agora numa terceira etapa, isso vai começar a clarear esse papel ou seja, que é como reforçar gabinetona e vice e versa na ocupação dos territórios não só uma coisa de rede movimento, mas criar núcleo de Muitas, não de gabinetona, criar núcleo de Muitas, seja Muitas temáticas, seja Muitas jovem, Muitas nos territórios. (Entrevistado VII, Belo Horizonte 15/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Eu acho que há um esforço permanente para que isso não aconteça, mas eu acho que sim, eu acho que infelizmente o fato de ter havido essa ocupação do espaço institucional, gerou uma fragilização das Muitas, e por exemplo eu acho que as reuniões abertas com a população ela se tornaram cada vez menos frequentes, e cada vez mais pró-forma, elas deixaram de ser espaços efetivamente de construção política, para se tornarem espaços de repasse de decisões que já estavam sendo amadurecidas e tomadas em outros espaços, e eu acho que isso é natural também, não é fácil mesmo... eu acho que hoje se exige da gabinetona respostas, as pessoas tem muita expectativa sobre nós, e esse... o tempo da política institucional é diferente dessas elaborações que buscam a horizontalidade, que prezam pelo debate, pelo consenso, isso tudo existe um outro tempo e esse equilíbrio ele é muito difícil de ser alcançado, então assim, eu acho que existe uma intencionalidade que é essencial para que não haja decadência desse projeto político de radicalização democrática, no sentido de um contato permanente com a população e de elaborações que sejam coletivas, horizontais, abertas, públicas, transparentes, mas o que eu tenho sentido e que essa pressão, essa cobrança, essa responsabilidade que não é pequena, ela é tomada por alguns e algumas sujeitas da gabinetona e das Muitas, principalmente das pessoas que são protagonistas nesse projeto de articulação como uma tarefa, que não pode ser compartilhada sobre pena de colocar em risco projeto político, e isso.. Aí ou! é muito complexo! Eu ainda tô amadurecendo meus pensamentos sobre isso assim, eu acho que sim! que há uma ruptura! Que houve uma fragilização que tem um afastamento evidente aí, e eu não sei o que vai ser daqui para frente, eu acho que a tendência é que as Muitas desapareçam e que surja algo novo. As Muitas, elas vão ter que se reinventar, ela já cumpriu... as Muitas já cumpriram o papel que tinha que cumprir, e tá na hora de surgir uma outra coisa porque se não o nível de desgaste desse projeto político vai desencantar as pessoas que estão apaixonadas pela política como feita pela gabinetona e pelas Muitas. (ENTREVISTADO VI. Belo Horizonte 28/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Agora essa passagem é sofrida para muitos de nós porque ninguém tinha essa experiência e pouquíssima gente tinha experiência partidária, experiência Legislativa, com audiências públicas, tudo, tudo que hoje a gente já aprendeu no percurso e ainda é super difícil de compreender as diferenças as limitações. Agora eu acho que parte do nosso sistema de trabalho é um pouco romper essas fronteiras. Então é quando a gente dá uma rasteira na institucionalidade para sei lá fazer um cortejo na Câmara Municipal ou quando a gente precisa estar na rua tendo um conhecimento de uma lei que está circulando ou de um sei lá uma autoridade que a gente agora tem acesso. A gente começou a estudar esses fluxos de secretarias, coordenadorias, polícias, ouvidorias, OAB, sabe? Esse sistema, essa rede de proteção de direitos mesmo que ainda era muito difusa, pros ativistas. A rede sempre existiu, mas a gente começou a entrar nela mesmo, e me interessa muita essa confusão, sabe? É ativista ou é gabinetona, é o

institucional ou é claro que tem coisas que a gente respeita os ritos os cargos, os adversários políticos também. Mas é isso tem vez que um dá um grito muito louco. Lá na câmara faz banana e depois é assim olha não sabe a gente foi aprendendo na prática assim e não é fácil não né, isso é um desafio diário e para mim as muitas é meio isso assim, um campo político de força inimaginável que compreende a representatividade as forças espirituais ancestrais das culturas negras e indígenas das culturas populares que compreende a política também nas suas mitificações nas suas mitologias que aceita essa diversidade na sua radicalidade essa historia de votou em uma votou em todas, acho que é uma , as um orgulho nosso que de fato a gente constrói esse coletivo, tem uma linha política uma frase que a gente usa muito, uma marca que é a confluência máxima, que um pouca essa idéias de transbordar as fronteiras partidárias as fronteiras até ideológicas em prol do bem comum então é um esforço um trabalho que exige uma dedicação Nossa para não romper laços por afetos por desavenças, por vaidade, pra não erguer muros, por egoísmos, por votos, por nada que não seja democracia. O Bem Viver, o bem comum, que acho que também é um horizonte legal da gente apontar sabe? É a diversidade a confluência o coletivo, as muitas é essa bagunça assim. (Entrevistado V, Belo Horizonte 11/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

As falas acima muito se assemelham aos dilemas de um partido tradicional, cunhados por Panebianco (2005) de que para manutenção da estabilidade da organização de um partido político são precisos incentivos coletivos e seletivos.

O autor desenvolve que os incentivos coletivos são aqueles que criam os laços de lealdade e que estão ligados às questões relacionadas à solidariedade, ideologia e identidade. Estes incentivos são os que criam a unidade de um partido.

Já os incentivos seletivos são aqueles que vêm a posteriori como um reforço à lealdade e que estariam ligados a coisas matérias ou de obtenção de poder ou status. Estes incentivos, entretanto, são distribuídos, segundo o autor, de forma desigual e apenas para alguns participantes. (PANEBIANCO, 2005)

Esse desafio aparece nas Muitas à medida que os incentivos materiais surgem do mandato.

Muito dos desafios institucionais colocados por Kitschelt como sendo típicos dos partidos movimento também podem ser observados nas Muitas.

A dificuldade legal de construção de uma legenda e de seu acesso a recursos são transpassadas pelas Muitas através da adoção do PSOL como legenda. O desafio institucional de localização no espaço esquerda-direita, muito comum nos partidos movimentos mediante a prioridade a temas pós-materialistas, não se constituiu em As Muitas, que se coloca de pronto como sendo de esquerda.

Todavia o desafio organizacional é a grande ameaça de As Muitas no momento, assim como acontece com partidos movimentos. Como constituir um

mandato e atender às suas obrigações de legislar e participar de blocos de oposição ou situação, sem se submeter a uma organização e burocratização que se distancie ou contrarie o movimento das ruas? Como tratar questões nacionais de forma a não se distanciar ou contrariar as demandas locais? O desafio da tensão do institucional com o não institucional vai sendo construído por eles no dia a dia e através de inovações de práticas e a construção de novos meios de executar tarefas.

Fica evidente ainda que as Muitas se depara com a quarta etapa do movimento tal como descrita por Christiansen (2009) sem se ajustar a qualquer um dos quatro destinos previsíveis pelo autor. Ela resiste às ameaças de cooptação, repressão, sucesso ou fracasso. Nas falas, ficou evidente o enfrentamento, sobretudo a cooptação, descrita por Christiansen como quando os integrantes do movimento acabam por se aliar ao sistema contra a causa do movimento inicialmente.

Já o desafio que é colocado por Kitschelt como sendo também um empecilho para os partidos-movimento que seria a dissonância de pautas entre políticos eleitos pelo movimento e os temas centrais do movimento é um ponto chave de diferença entre o partido movimento tal como descrito por Kitschelt e as Muitas.

Em nossa análise sobre partido movimento encontramos a discussão realizada por Paulo Roberto Elias de Souza e Claudio Penteado (2017) que introduz na discussão sobre o assunto a possibilidade de que os partidos movimentos não tenham que necessariamente ser de uma temática única e exclusiva.

4.4 A Agenda

Um fato a se destacar é que as pautas dessa movimentação foi o ponto de divergência em relação a discussão proposta de Kitschelt.

Segundo o autor partidos-movimentos seriam organizações de pautas extremamente pontuais e que na verdade surgiriam em prol de trazer ao debate político pautas silenciadas e sem representação por partidos políticos estabelecidos e que muitos deles na realidade apenas se organizavam como tal para uma espécie de chantagem e pressão sobre os partidos regulares em aderir ou defender determinadas causas.

Se por um lado o conceito de partido-movimento proposto por Kitschelt para sustentar uma experiência tão inovadora como a do Podemos, por outro lado, ainda mantém-se de acordo com a proposta dos tradicionais verdes,

mas também com emergentes partidos de pautas específicas (SOUZA; PENTEADO, P.16 2017).

Neste ponto, trazemos para o debate artigo de Souza e Penteado (2017) em que é apresentada a hipótese Podemos como modelo ideal de partido-movimento do século XXI.

Segundo os autores, com o surgimento do Podemos, traça-se novos panoramas em relação à teoria de partidos-movimentos no mundo. De um lado estariam os *partidos-movimentos transversais*, que seriam formados por um conjunto de líderes, ativistas e de movimentos sociais e identitários com uma agenda de pautas mais universal a serem defendidas de maneira transversal e com equidade em relação a cada pauta particular dos integrantes. E de outro lado estariam os *partidos movimento identitários ou temáticos* que já seriam os que Kitschelt apontava como sendo os que defendem causas específicas e autônomas assim como os partidos verdes europeus ou o partido Pirata (SOUZA; PENTEADO, 2017).

Acreditamos que as pautas das Muitas mais se aproximam da tipificação elaborada por Souza e Penteado como sendo transversais e universalizantes e mais se distanciam do proposto por Kitschelt como sendo apenas específicas e restritas, embora ainda assim marcadamente integrado pelas pautas identitárias.

Acho que é diversidade, mas mais profundo do que isso é uma luta anti-racista, feminista, é.. e de carnavalizar a política não tentar ver a política com tanto pessimismos, mas com alegria, esperança, fé que eles até chamam de fé na festa, e uma coisa que é bem importante que é que esse discurso da diversidade, do amor ele não pode ser só discurso ele tem que ser ação e tem que estar na rua com as pessoas (Entrevistado I, Belo Horizonte 26/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

A elaboração do feminismo, do quilombismo, das concepções do bem viver, dos povos originários, das lutas e das existências LGBTQs, né, e essa questão que eu mencionei anteriormente que é do municipalismo assim, da dinâmica da construção política, entendida numa ordem do ordinário, das miudezas, das questões locais, da territorialidade e por aí vai. (Entrevistado X, Belo Horizonte 23/11/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

A construção destas pautas se dá de maneira muito orgânica e natural para o movimento, principalmente pelo fato de agregar sobre uma mesma plataforma diversos movimentos sociais e ativistas dos mais variados campos que acabam por levar consigo suas lutas e interesses particulares que transversalizam e que acabam que equivalendo dentro deste espaço.

A muitas valoriza muito coisa, muita gente tão fora da instituição uma coisa mais informal, assim eu tenho uma histórico com as muitas muito bom porque as muitas me puderam dar oportunidade de eu exercer minha militância sabe? Foi um espaço que eu encontrei, para falar das minhas lutas, minhas batalhas pessoais e interpessoais, das minhas lutas que são

as lutas da cidade sabe?[...] (Entrevistado II, Belo Horizonte 09/10/2018. Entrevista a Lorraine Araújo Inácio).

Tendo em vista o critério que é observado por Souza e Penteadó é que compreendemos que as Muitas se aproxima mais da hipótese Podemos de ser um partido-movimento que teria temas transversais que foram construídos pelos mais diversos atores que a compõem e que surgiram com muita naturalidade para todos.

4.5 As Muitas e o Podemos.

No quadro a seguir detalharemos 14 características elencadas por Bringel (2012) em seu texto que fomos capazes de destrinchar e perceber e traçamos um paralelo com características observadas nas falas dos entrevistados.

Observando o quadro elaborado é que foi possível a clareza teórica de que nosso objeto se parecia com o Podemos e que, portanto nosso objeto assim como eles se tratava também de uma categoria teórica semelhante.

A primeira categoria seria a influência internacional como fonte de inspiração e modelo para criação do partido movimento que conferisse legitimidade à representação política, assim como uma ampliação da cidadania. Em um movimento anti-austeridade, na esteira da geopolítica da indignação global. (BRINGEL, 2015)

A segunda categoria seria a confluência de lutas e ativistas. Característica basilar de um partido-movimento é o fato de ele ser formado basicamente por ativistas que outrora militavam ou ainda militam em movimentos sociais e confluem suas lutas em prol de alcançar maior representatividade (KITSCHOLT, 2003; BRINGEL, 2015).

A terceira categoria trata da questão do descontentamento destes ativistas envolvidos em movimentos sociais e da sociedade de uma maneira geral com a inoperância dos poderes legislativos e executivos em propor soluções para os problemas da sociedade o que gera o sentimento de indignação que se torna o pontapé inicial para repensar os modelos de representação política.

A quarta categoria seria o desgaste com os partidos políticos tradicionais e as formas de representação política usuais. Kitscholt coloca que os partidos-movimento nascem pelo fato de que os partidos que já estão postos na arena política de representação não representam as pautas silenciadas de alguns setores da sociedade e acabam por se deslegitimar perante estes. Munidos desse sentimento

de não representação é que setores da sociedade se organizam para então se fazer representar. (KITSCHOLT, 2003)

Observando a categoria a cima descrita é que Bringel (2015) coloca que o Podemos ao observar o enfraquecimento e deslegitimidade que os principais partidos espanhóis passaram a ter perante a sociedade se projete como uma possibilidade para ocupar esse espaço aberto, o que seria a categoria cinco do oportunismo político providencial de se encaixar em um espaço que foi deixado pelos partidos políticos tradicionais na arena política.

A organização através de um ativismo digital também é um dos pontos observados como categoria seis. O Podemos seguindo a ideia de uma organização mais horizontal e de coordenação democrática de base envolvendo ativistas e sociedade civil incorpora novas tecnologias do campo digital informacional para não somente tomar decisões concernentes a tomadas de decisões como também para divulgar suas ações, atividades e prestações de conta. (KITSCHOLT, 2003) (BRINGEL, 2015).

Partidos-movimentos são organizações que fogem da forma-partido tradicional, buscando para si características que se aproximam mais da empregada por movimentos sociais do que a dos partidos, por isso a categoria sete é a de estrutura flexível e de maior contato com a população para diminuir o abismo entre representantes e representados.

A categoria oito vem na esteira da última, estas novas organizações pretendem renovar o pacto de representação perante a sociedade como um todo e para isso eles pretendem romper com o padrão buscando maneiras de inovar, buscando uma construção de ferramentas e práticas que aproximem mais quem representa de quem é representado.

A nona categoria é referente a protestos de rua os quais teriam sido catalizadores para a formação dessas organizações e que porventura tenham sido violentamente reprimidos por força policial o que tenha gerado como resposta um aumento de pessoas envolvidas em repúdio a ação de repressão.

A décima categoria é sobre o impacto que esses protestos de rua geraram, como no caso do 15-M espanhol, em lançar na arena política de representação novos atores e ativistas reconfigurando esse espaço a partir de uma busca por respostas políticas concretas a suas causas e lutas. (BRINGEL, 2015)

Componente essencial da organização do Podemos era a questão geracional. A juventude era parte ativa de suas ações, assim como principais figuras de seus quadros. O papel da juventude foi essencial ao Podemos como partido, assim como para os protestos de rua que o originaram.

Uma herança dos movimentos sociais para os partido-movimento são as formas de organização. Espaços de praças e espaços públicos como sendo locais destituíntes e instituíntes, isto é, se utilizam destes espaços para democraticamente debater e construir juntamente com a sociedade o que deve ou não ser pautado pelo partido.

O principal objetivo da união de diversos movimentos sociais e ativistas das mais variadas pautas é obter mandatos políticos seja no Legislativo ou no Executivo. Este é o modus operandi e principal desejo de um partido-movimento: influenciar a agenda política atuando diretamente na arena de representação.

A décima quarta categoria é o sucesso em um curto espaço de tempo que estas organizações conseguem obter. Um desempenho eleitoral notável consegue alçar estas organizações a patamares mais altos, além de consagrá-las como força a ser considerada dentro do jogo político.

Quadro Comparativo – As Muitas/ 15-M; PODEMOS.

CARACTERÍSTICAS	15-M/PODEMOS	MUITAS
1) Influência internacional	Influência dentro da União Europeia do Syriza na Grécia e também da Primavera Árabe	Influência do Podemos, e experiências latino-americanas.
2) Confluência de Lutas	O histórico das lutas anteriores da cidade já estava em efusão com as lutas estudantis pela não mercantilização da educação, precarização do trabalho, ecologismo radical, entre outros.	Diversos ativistas das mais variadas causas da cidade (acesso à ocupação de espaços públicos para manifestações culturais, por exemplo, questões associadas ao que se costuma chamar de direito à cidade; mobilidade urbana; juventude periférica) se unem em prol de primeiramente confluir forças e posteriormente acessar cargos políticos.
3) Descontentamento	As sucessivas lutas dos coletivos e movimentos sociais, somada ao descontentamento com os governos dos principais partidos e a desilusão das pessoas com a política geraram oportunidade para o nascimento de algo novo que pudesse reconectar sociedade e Estado.	As exaustivas denúncias de corrupção que atingiram em cheio os principais e tradicionais partidos políticos no Brasil somado à inoperância do estado frente a demandas da sociedade além dos gastos excessivos com megaeventos como a Copa do mundo em contrapartida a

		insatisfatória entrega dos serviços públicos geraram ambiente para erupção da indignação
4) Desgaste e reação aos partidos tradicionais e suas práticas	Contexto de queda de legitimidade dos partidos tradicionais espanhóis PP e Psoe.	Aliança entre PT e PSDB na eleição municipal de 2008 na cidade de Belo Horizonte.
5) Oportunismo Político	Crise de legitimidade dos dois principais partidos somado ao descontentamento das pessoas com a política produziu oportunidade para o surgimento e fortalecimento do movimento.	Crises de legitimidade das principais esferas de representação e instituições democráticas somadas as manifestações de junho de 2013 produziram solo fértil para a fundação do coletivo e posterior ganho de mandatos.
6) Mídia e Ativismo digital	Desenvolveu uma plataforma online para receber as propostas da sociedade civil além de votações a favor ou contra alguma proposta.	Em contato com os ativistas do Podemos, as Muitas recebeu um “código fonte” para lançar uma plataforma online que pudesse receber propostas da sociedade de forma coletiva e colaborativa.
7) Estrutura flexível e em contato com o povo	Linguagem mais direta e com maior apelo ao público. Uso de redes sociais da internet como espaço de diálogo e convívio.	Uso de redes sociais da internet para conectar e mobilizar além de estar sempre em contato com diversos movimentos sociais e promover integrações e debates públicos.
8) Pretende romper com o padrão de representação	Criação de espaços de convergência e ágora de debates e organização, busca pela democracia real.	Mandatos coletivos, praças públicas como espaços de deliberação e construção de pautas, radicalização democrática.
9) Eventual episódio de repressão que serve como incentivo	Prisão de militantes após ato político leva dezenas de pessoas em resposta a ocupar os espaços públicos com acampamentos.	Nas manifestações de Junho de 2013, em Belo Horizonte aconteceu uma fatalidade em que um ativista foi morto em uma das manifestações o que gerou grande repercussão.
10) Reconfiguração de atores e do ativismo	Criação de plataformas e coletivos abrangentes e transversais sem os antigos atores, descentralização das ações sem a participação dos atores, formas e canais anteriormente usuais.	As Muitas procuraram desde seu fundamento práticas que saíssem do tradicional, valores como a horizontalidade das ações e construção de pautas, o não personalismo na política, a performatização com o intuito de reconectar a política e a arte, assim como a política e a sociedade como um todo.
11) Juventude	A “Nova juventude indignada” é motor para a mobilização	São integrantes majoritários do movimento, envolvendo diversas gerações, mas, sobretudo, os jovens, além de serem as principais lideranças.
12) Praças e espaços públicos como espaços de força destituíntes e instintuente	Ocupação de espaços simbólicos da cidade e cartões postais como, por exemplo, A Porta do Sol em Madri que foi o principal lugar de acampamentos e protestos deste movimento.	Praças públicas, parques da cidade entre outros espaços públicos se tornaram espaços de diálogo e construção coletiva de pautas e debates. Por exemplo, a Praça da Estação em Belo Horizonte.

13) Modus operandi: conseguir mandatos	A partir da movimentação do 15-M e da magnitude que os protesto de rua tomaram, nasce o partido Podemos que pretendeu pleitear mandatos.	Nasce com a ideia de unir forças e repensar as lutas da cidade além de apoiar alguma candidatura o que não muito depois se configurou em lançar candidatos próprios, através de partidos.
14) Desempenho eleitoral notável	Em quatro meses mais de 1,2 milhões de votos e se situando como a primeira força política espanhola em intenção de votos.	Vereadora mais votada da história da cidade de Belo Horizonte já na primeira disputa com cerca de 17 mil votos, e recebendo ao todo para todos os candidatos que lançou cerca de 35 mil votos no município.

(Elaboração Própria)

A inclusão deste quadro neste trabalho se dá por três fatores principais. O primeiro deles é demonstrar a aproximação das Muitas com um já conhecido e categorizado partido-movimento, mostrando as suas similaridades.

O segundo deles é detalhar como se organiza as Muitas para além da sua história de formação bem como uma sintetização de vários aspectos de sua composição, motivação e ações de uma maneira geral.

O terceiro deles é estabelecer um panorama geral da organização para além das categorias analíticas apresentadas um pouco da dinâmica das Muitas.

Por fim, consideramos que o quadro apresentado realiza o fechamento entre a correlação que pretendíamos apresentar no trabalho ao afirmar que as Muitas são um quase-partido-movimento pelo fato de que apesar de dispor de praticamente todas as características de partido-movimento falta a ela a formalização partidária que não foi alcançada.

As similaridades entre as Muitas e o Podemos são mais um forte indicativo para se entender e afirmar que esta organização se trata de uma organização similar a do tipo partido-movimento dentro deste escopo ainda desconhecido e pouco estudado.

Além disto, é perceptível que este fenômeno que busca novas formas de fazer política, novas maneiras de se organizar e construir viabilidades políticas que fogem do usual é uma tendência de abrangência mundial e em escala crescente.

As muitas, portanto, germina e cresce na tendência deste fenômeno mundial por uma busca incessante pelo novo e que não parece ser um movimento estéril e passageiro.

Considerações Finais

Esta dissertação se inicia apresentando os contextos que deram origem as Muitas e aos movimentos do Brasil pós-2013, que buscam renovação política. Pretendeu-se delinear os fatores sociais e políticos que contribuíram para o seu nascimento.

Destacamos que uma crise de representação, nos moldes de Mainwaring (2006) pode ser observada no Brasil nos últimos cinco anos, sinalizada pelos crescentes índices de desconfiança nas instituições de representação que atingiram em cheio a sociedade brasileira.

Esta crise de representação recaiu sobre todas as instituições políticas do país, com destaque na esquerda política, que esteve por quatro mandatos consecutivos no executivo federal. Os governos do PT sofreram denúncias de corrupção e foram alvos de críticas sobre a condução da política econômica do país.

Este fenômeno, porém não se trata de um fato isolado do Brasil. Mundialmente se constata uma crescente desconfiança nas instituições políticas que culminaram em protestos globais contra as práticas políticas usualmente utilizadas. Pessoas dos mais diversos campos políticos-ideológicos parecem acreditar que o futuro políticos não está nas velhas e já conhecidas formas organizativas como partidos políticos e sim em outras organizações com outros formatos que possam reconectar a sociedade ao Estado e criar ou recriar novos canais de representação.

Na esteira deste processo é que situamos as Muitas. Esta organização surge do desejo mais sincero de vários militantes da cidade de Belo Horizonte em construir com as próprias mãos aquilo que os parecia impossível diante do imobilismo dos partidos políticos já existentes na cidade e influir na política real que afeta a vida do cidadão.

As muitas se torna um espaço de inspiração e confluência de forças em prol de políticas que conduzam a uma cidade que se aproxime de seus ideais do bem viver. Com inspiração fortemente municipalista, assim como diversos movimentos internacionais, seu objetivo primordial era afetar, contagiar com a alegria e o espírito carnavalesco a política institucional que a seus integrantes parece conservador e sem vida.

As muitas busca inspirar, influir e contribuir para que a sociedade reveja seus conceitos sobre o quão importante é discutir, ouvir e reinterpretar a política, pois afinal esta faz parte de nosso cotidiano. Ela propaga a importância da participação e da deliberação entre sociedade e instâncias de representação.

Mas que tipo de organização é as Muitas? O que ela representa neste contexto de oxigenação e renovação política?

Compreendemos que as Muitas seja uma resposta da sociedade organizada à imutabilidade das formas tradicionais de se fazer política como aponta Castells (2012). E mais do que isso, as Muitas aponta para a renovação do interesse em modificar o status quo das coisas, reinventar, mas sempre pensando em construir efetivamente o que é possível como prioridade e no que é utópico como ideal.

A política do concreto, das miudezas, como aponta um dos entrevistados, é um detalhe que chama atenção em relação à visão geracional, incidindo na compreensão ideológica destes militantes. Em uma das falas uma entrevistada coloca que é preciso mudar o hoje, não o amanhã, construir um bem viver para o hoje e não só para as gerações futuras como era dito pelos militantes de outrora.

O imediatismo pulsante da juventude do século XXI deixa marcas no fazer político das Muitas. Propostas que interfiram no cotidiano das pessoas, e mesmo que em pequena escala, sejam concretas e efetivas parece ser uma diretriz.

As Muitas carrega consigo características muito similares às da natureza de um partido-movimento transversal seguindo em sua maioria as categorias sinalizadas por Kitschelt e Souza e Penteado. Entretanto afirmar categoricamente que as Muitas assim o é não seria correto pelo simples fato de que não há uma formalização de partido político na prática.

As Muitas optou por aderir a uma legenda já existente ao invés de se formalizar como partido político. Decidindo assim, não precisou arcar com os ônus que Kitschelt sinaliza de formalização de um partido e de sua disputa por espaço. Por outro lado, também se percebe o esforço para contornar as limitações que um partido já constituído impõe como, por exemplo, discordar de alguma resolução partidária que não está em sintonia com seus integrantes.

Nas entrevistas que realizamos fica evidente o tensionamento entre o movimento e o mandato. Os entrevistados que não fazem parte tão diretamente do mandato político sentem com maior força o minguar das atividades fora dos

períodos de pleito eleitoral e se questionam qual seria o lugar das Muitas neste processo.

Já os que participam do mandato reconhecem a dificuldade de manter as Muitas em funcionamento após a conquista dos mandatos, variando entre os que consideram como natural essa mutação e entre os que reconhecem a dificuldade em estabelecer as funções que a organização deveria desempenhar.

As entrevistas realizadas nos apontam um horizonte em comum a outras organizações existentes no mundo. Primeiramente comparamos as Muitas com outro movimento municipalista nascido em contexto muito parecido, o Podemos.

O Podemos assim como as Muitas nasce dentro desse contexto de indignação global, descrédito dos partidos tradicionais e se tornou posteriormente um partido-movimento a fazer frente aos tradicionais PSOE e PP, além de propor práticas que incluam a população desde a formulação das propostas de políticas públicas, e, por conseguinte maior transparência das suas ações.

As Muitas, muito similarmente, construiu para si uma rede de laços com os mais variados setores da sociedade, dialogando com diversos movimento sociais e confluindo para que juntos mandatos políticos fossem alcançados e constituídos com propostas que surgiam de seus encontros e eventos nos parques, praças e pomares da cidade.

Respondendo a algumas perguntas que estão no bojo dessa pesquisa, como qual é o papel que estas novas formas de organização estabelece sobre as instituições formais? Acreditamos que o desconforto e o ruído que as Muitas provocam entre outros partidos bem como dentro do PSOL já é uma resposta a essa pergunta.

O estranhamento e a negação do novo provocam reflexão e, por sua vez, questionamentos, e mais do que isso o seu sucesso eleitoral ascende um sinal de alerta a estas outras instituições de que se não se renovarem e inovarem poderão perder espaço e ameaçar a sua sobrevivência.

E quanto à sociedade? Qual o papel estas organizações estabelecem para esta? A resposta neste caso não é tão simples. As Muitas é sim inovadora e traz consigo bons indicativos de renovação e oxigenação em relação à representação política, além de ser um fenômeno que parece ganhar força no mundo todo, mas a longo prazo não é possível determinar ainda qual será seu impacto.

A pequeno e médio prazo o que é possível averiguar é que estes movimentos têm sido bem sucedidos em descomplicar a política para a população, e é crescente a preocupação pelo menos no que tange as Muitas em estar para além da internet e mídias sociais conectados com as causas que mais afligem o cotidiano das pessoas.

Em um processo de tentativa e erro, As muitas como quase um partido-movimento que acreditamos ser, está em sua fase de testes. Com mais acertos do que erros em sua caminhada, vai trilhando seu caminho buscando acertar e construir alternativas que inspirem, encantem e reencantem.

Mesmo que em última instância não seja possível prever quais serão as consequências de suas ações no contexto da política como um todo em nosso país é possível dizer que promover a reflexão em relação ao que seja possível mudar já é um ganho.

Logo após a sua primeira vitória, representantes das Muitas foram convidados por grandes centros universitários para debater e apresentar sua experiência.

As muitas juntamente com outros mandatos coletivos realizará pelo terceiro ano consecutivo um evento chamado Ocupa Política. Tal evento que nasceu em Belo Horizonte, tem como objetivo promover uma confluência a nível federal de organizações e coletivos da sociedade civil em uma renovação progressista com um viés suprapartidário para ocupar a política institucional, além de dividir experiências e trocar conhecimento sobre quais estratégias adotar.

Embalados pela frase do célebre Bertolt Brecht “Nada pode parecer impossível de mudar” estampados em alguns adesivos em seus espaços de encontro as Muitas parece, assim como diversas outras organizações similares, ter vindo para ficar.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. “EI, POLÍCIA, A PRAIA É UMA DELÍCIA!”: Rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. 2013, 167f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, 2013.

AMARAL, O. E. "O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura". Debates, Porto Alegre, vol. 7, nº 2, p. 11-32, maio-ago. 2013.

AMORIM, Maria Salete Souza de. Cidadania e Participação Democrática . In Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. UFSC, Florianópolis, Brasil, 25-27 abr. 2007, p. 366-379. Disponível em <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/maria_amorim.pdf >. Acesso em: 5 de dez, 2013.

AVRITZER, Leonardo Sociedade civil, instituições participativas e representação: da autorização à legitimidade da ação. Dados, Rio de Janeiro, vol. 50, no. 3, 2007.

BAQUERO, M.A. Cultura política participativa e desconsolidação da democrática reflexões sobre o Brasil contemporâneo, São Paulo Perspec. [online]. 2001, vol.15, n.4, pp. 98-104.

BAQUERO, Marcello Castro; CASTRO, H. C. de O; RANINCHESKI, Sônia M. (Des)confiança nas instituições e partidos políticos na constituição de uma democracia inercial no Brasil: o caso das eleições de 2014. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 15 - Nº 32 - Jan./Abr. de 2016.

BAQUERO, M. e LINHARES, B. de F. "Por que os brasileiros não confiam nos partidos? Bases para compreender a cultura política (anti) partidária de possíveis saídas". *Revista Debates*, vol. 05, nº 1, 2011.

BRINGEL, B. 15-M, *PODEMOS*, e os movimentos sociais na Espanha. Novos Estudos, 2015.

BORBA, F.; VEIGA, L.; MARTINS, F. “Propaganda negativa na eleição presidencial de 2014. Ou como tudo que é frágil se desmancha no ar”. *Revista Estudos Políticos*, vol. 6, nº 1, p. 182-200, 2015.

CASTELLS, M. “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2012.

CHRISTIANSEN, J. *Four Stages of Social Movements*. Social Movements & Collective Behaviour. RESEARCH STARTERS, 2009

DADOS DO IBOPE PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA: Disponível em <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/quase-metade-dos-brasileiros-nao-tem-preferencia-por-nenhum-partido/>> Acessado em 28.10.2018

DADOS DO IBOPE PROBLEMAS E PRIORIDADES DO BRASIL: Disponível em <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/desemprego-corrupcao-e-saude-sao-principais-problemas-do-pais-apontam-brasileiros/>> Acesso em 17.09.19

DADOS DO LATINO BARÔMETRO: Disponível em <<http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>> Acessado em 26.12.2018

DADOS SOBRE PIB: Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=serieshistoricas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=pib%23evolucao-taxa#evolucao-taxa> Acesso em 16.09.2019

DADOS SOBRE A OPERAÇÃO LAVA JATO: Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/>> Acesso em 17.09.2019

FACEBOOK DO MANDATO COLETIVO DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS: <<https://www.facebook.com/mandatocoletivoaltoparaiso>> Acessado em 07.01.2019

FACEBOOK DAS MUITAS< <https://www.facebook.com/asmuitas/>> Acesso em 19.01.2019

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. 4 ed. – Petrópolis, RJ; Editora Vozes, 2010.

_____. Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo, Editora Cortez, 2017.

_____. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo. Petrópolis,RJ, Editora Vozes, 2015.

GUIMARÃES, G. Ascensão, e declínio dos partidos-movimento na América do Sul: MAS, Pachakutik E *Tekojajá*. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

GUNTHER, Richard; DIAMOND, Larry. Espécies de partidos políticos: uma nova tipologia. Revista Paraná Eleitoral, v. 4, n. 1, abril 2015, p. 7-51

INEZ, Ana Claudia de Souza. “Ei Lacerda! seu governo é uma #%\$&*!” repertórios de ação coletiva e performance na dinâmica de afirmação pública do Movimento Fora Lacerda 2016.Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Informação sobre Movimentos Municipalistas Mundiais
<<https://www.elsaltodiario.com/municipalismo/municipalismo-global-contra-ultraderecha>> Acessado em 03.05.2019

KITSCHOLT, H. Movements Parties. In: KATZ, R.; CROTTY, W. (Org.). **Handbook of Party Politics.** London - UK, Thousand Oak – US, New Delhi – IN: SAGE Publications, 2003.

KLINGEMANN, H-D and FUCKS, D. Citizens and The State. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LAVALLE, Adrián Gurza; ARAUJO, Cicero. O futuro da representação: nota introdutória. *Lua Nova*, São Paulo , n. 67, p. 9-13, 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2019

LAVALLE, Adrián Gurza; HOUTZAGER, Peter P.; CASTELLO, Graziela. Democracia, pluralização da representação e sociedade civil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 67, p. 49-103, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2019

LEI ELEITORAL PARA FORMAÇÃO DE PARTIDO POLÍTICO.
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13165.htm#art3>
Acesso 18.09.2019

MAINWARING, SCOTT. The Crisis of Representation in the Andes. *Journal of Democracy*, Volume 17, N° 3, Julho 2006, pp. 13-27.

MANIN, Bernard; PRZEWORSKI, Adam; STOKES, Susan C. Eleições e representação. *Lua Nova*, São Paulo , n. 67, p. 105-138, 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452006000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2019.

MARTÍN, IRENE “Podemos y otros modelos de partido-movimiento” *Revista Española de Sociología* nº 24, 2015.

MELUCCI, A. *Challenging codes: Collective Action in the Information Age.* Cambridge University Press, 1996. 441 p

MENDONÇA, R. F. "Singularidade e identidade nas manifestações de 2013". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 66: 130-159, 2017.

_____. **DIMENSÕES DEMOCRÁTICAS NAS JORNADAS DE JUNHO:** Reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. *Revista brasileira de ciências sociais* - vol. 33 nº 98, 2018.

OLIVEIRA, Igor; DAYRELL, Juarez. Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

PANEBIANCO, A. *Modelos de Partidos.* Madrid: Fundo de Cultura Econômica, 2005[1992]

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 33, DE 2017. <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/131028>> Acessado em 23.07.2019

REPORTAGEM REFERENTE AO MANDATO DAS JUNTAS EM PERNAMBUCO. <<http://www5.folhape.com.br/politica/politica/blog-da-folha/2018/06/13/BLG,6631,7,509,POLITICA,2419-CINCO-MULHERES-LANCAM-CANDIDATURA-COLETIVA-DEPUTADA-ESTADUAL-PERNAMBUCO.aspx>> Acessado em 17.12.2018.

_____. <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/juntas-cinco-mulheres-estream-mandato-coletivo-na-assembleia-legislativa-de-pe.ghtml>> Acessado em 17.12.2018.

REPORTAGEM REFERENTE AO MANDATO DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS: <<http://g1.globo.com/goias/eleicoes/2016/noticia/2016/10/cinco-sao-eleitores-para-uma-vaga-de-vereador-em-alto-paraiso-de-goias.html>> Acessado em 07.01.19

REPORTAGEM REFERENTE AS MUITAS <<https://www.otempo.com.br/cidades/coletivo-muitxs-quer-entrar-para-a-pol%C3%ADtica-formal-em-bh-1.1300292>> Acesso em 19.01.2019

REPORTAGEM REFERENTE A MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO POLÍTICA: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/movimentos-de-renovacao-politica-elegem-mais-de-30-deputados-e-senadores/>> Acesso em 14.08.2019

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. *Opin. Publica*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 603-637, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010462762016000300603&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Agos. 2019.

SANTOS, Boaventura S. (2015) «The Podemos wave», *Open Democracy / ISA RC-47: Open Movements*, 16 March. <https://opendemocracy.net/boaventura-de-sousa-santos/podemos-wave>

SILVA, Fabricio Pereira da. *Vitórias na crise: trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas.* Rio de Janeiro, Editora Ponteio, 2011.

_____. *Quinze anos da onda rosa latino-americana: balanço e perspectivas.* Observador on-line, v. 9, p. 1, 2014

SINGER, André. Brasil, junho de 2013 – “Classes e ideologias cruzadas”. *Novos Estudos (São Paulo)*, 2013, n. 97, pp. 23-40.

SITE DA BANCADA ATIVISTA: <<https://monicadabancada.com.br/candidatura-coletiva>> Acessado em 17.12.2018.

SITE DAS JUNTAS: <<https://www.juntascodereputadas.com.br/#quem-sao-elas>>
Acessado em 17.12.2018.

SITE DAS MUITAS <<https://www.somosmuitas.com.br/>> Acesso em 19.01.2019

SOUZA, Paulo; PENTEADO, Cláudio. Notas Sobre Partido-Movimento: Diferença E Equivalência Na Hipótese Podemos. 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política, organizado pela Associação Latinoamericana de Ciência Política (ALACIP). Montevideú, 2017.

TARROW, S. *Power in movement: social movements and contentious politics.* Cambridge University Press, 1994, 2011. 354 p.

TELLES, Helcimara de Souza; LOURENÇO, Luiz Cláudio; STORNI, Tiago Prata. Eleições de oposição, alianças sem partidos: o voto para prefeito em Belo Horizonte. In: LAVAREDA, Antonio; TELLES, Helcimara. Como o eleitor escolhe seu prefeito: campanha e voto nas eleições municipais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

Anexos

Roteiro Da Entrevista

- 1) -Como vocês se sentem em relação às representações políticas do Brasil hoje? Vocês confiam nestas instituições? Se sentem representados?
- 2) -Em junho de 2013 ocorreram diversas manifestações de rua no Brasil, o que estes movimentos representaram para vocês? O que representou?
- 3) - O que é para vocês representação política?
- 4) – O que a participação através deste coletivo?
- 5) – Como vocês decidiram montar o coletivo, de onde surgiu a ideia? Qual era a proposta? Defesa de quais valores? Como estes valores ou bandeiras do coletivo foram decididos? Como se organizam? Como é a estrutura do coletivo? Que atividades promovem? Qual o limite dessas atividades levando em conta o sistema de representação tradicional? Quais as estratégias para se conectar com o sistema representativo formal?
- 6) Como vc conheceu as muitas?
- 7) O que as muitas representa para você?